



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – MESTRADO EM LETRAS
Campus I – Prédio B4, sala 135 – Bairro São José – Cep. 99052-900- Passo Fundo/RS
Fone (54) 3316-8341 – E-mail: mestradolettras@upf.br

Caroline Toni Foppa

A VOZ DA “RESISTÊNCIA” CUBANA
NO CIBERESPAÇO

Passo Fundo

2012

Caroline Toni Foppa

**A VOZ DA “RESISTÊNCIA” CUBANA
NO CIBERESPAÇO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, sob orientação da Professora Dr. Carme Regina Schons.

Passo Fundo

2012

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Carme Regina Schons, exemplo primeiro de resistência, força e dedicação. Obrigada por sua orientação, pela liberdade que me deste para iniciar essa jornada de descobertas pelos sentidos emaranhados do discurso, e por todas as oportunidades que me ajudaram tanto a crescer. Sua motivação e paixão pelo conhecimento me inspiram a continuar.

Agradeço a todos os professores do programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, especialmente às professoras Telisa Furlanetto Graeff, Claudia Stumpf Toldo e Ercília Cazarin, pelo valioso conhecimento compartilhado e encorajamento constante.

Agradeço às professoras Fabiele Stockamns De Nardi e Gizele Zanotto pela leitura cuidadosa da minha dissertação para a banca de qualificação e pelas sugestões que iluminaram meu trabalho, trazendo à luz muito do que ainda estava escondido por trás das vozes desse discurso.

Agradeço aos meus colegas de Mestrado, com quem dividi conquistas e angústias e vivenciei momentos de descontração e trabalho. O tempo compartilhado transformou-se em uma preciosa lembrança e em amizades que perduram.

Agradeço aos meus pais Ildo e Iraci, que sempre foram meu porto seguro, minhas fontes de motivação e, acima de tudo, meus exemplos. Por tudo aquilo que sou hoje, obrigada.

Agradeço ao meu esposo Francisco, com quem inicio a aventura de viver junto. Obrigada por aquilo que já compartilhamos, mas principalmente por acreditar em tudo o que ainda podemos e vamos descobrir com nosso amor, nossas viagens, nossas músicas e nossos livros.

*Em horas inda louras, lindas
Clorindas e Belindas, brandas
Brincam no tempo das berlindas,
As vindas vendo das varandas.
De onde ouvem vir a rir as vindas
Fitam a frio as frias bandas.*

*Mas em torno à tarde se entorna
A atordoar o ar que arde
Que a eterna tarde já não torna!
E em tom de atoarda todo o alarde
Do adornado ardor transtorna
No ar de torpor da tarda tarde.*

*E há nevoentos desencantos
Dos encantos dos pensamentos
Nos santos lentos dos recantos
Dos bentos cantos dos conventos...
Prantos de intentos, lentos, tantos
Que encantam os atentos ventos.*

Fernando Pessoa

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar os efeitos de sentido do discurso cubano de resistência na internet, produzido pela *blogueira* Yoani Sánchez, moradora de Cuba. Baseado no aporte teórico da Análise do Discurso de linha francesa, esta pesquisa discute as noções de ideologia e resistência sob uma perspectiva materialista, observando seu funcionamento na língua e no discurso. São trazidos conceitos chave da Análise do Discurso, como interdiscurso, memória, formação ideológica e formação discursiva, que permitirão a análise do discurso do sujeito de resistência. São apresentadas algumas características específicas do ciberespaço, salientando-se a presença do empírico no virtual, e o fato de que também a internet sofre a determinação das práticas sociais. No primeiro conjunto de análises, parte-se das formações imaginárias do sujeito do discurso de resistência e são identificadas as imagens de incluído, excluído e cidadão responsável; a incisa é tratada como espaço de interpretação do sujeito, que faz uso do travessão para romper com a ilusória linearidade do texto na busca da completude do que diz e de si mesmo; as estratégias de revolução e práticas de protesto tanto do discurso de resistência como do sistema socialista cubano são analisadas e observam-se práticas de resistência já reconhecidas, assim como outras que são ressignificadas pelos novos efeitos de sentido que criam no meio eletrônico, na chamada revolução em rede. O segundo bloco constitui-se de análises da presença do discurso *outro* no discurso cubano de resistência. Os processos de designação e determinação e o discurso relatado marcado servem como delimitadores de território, produzindo efeitos de distanciamento e demarcação de posições no que diz respeito ao sujeito do discurso em análise e o discurso *outro* representado pelo governo cubano e seus líderes. As análises permitiram observar o funcionamento do discurso de resistência como contestador e desejante de mudança do estado atual das coisas, em se tratando do sistema socialista e autoritário em Cuba, ao mesmo tempo em que resgata velhas práticas e discursos, os quais, ainda que de certa forma ressignificados pelo ciberespaço, funcionam ao apoiar-se no discurso a que se opõe, desconstruindo-o para então trabalhar contra ele.

Palavras-chave: ideologia, resistência, discurso, ciberespaço.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo analizar los efectos de sentido del discurso cubano de resistencia en la Internet producido por la bloguera Yoani Sánchez, que vive en Cuba. Basada en la teoría del Análisis del Discurso de línea francesa, esta investigación analiza las nociones de ideología y de resistencia a partir de una visión materialista, observando su funcionamiento en la lengua y en el discurso. Son presentados los conceptos clave en el Análisis del Discurso, como interdiscurso, memoria, formación ideológica y formación discursiva, que posibilitarán el análisis del discurso del sujeto de resistencia. Son discutidas algunas de las características específicas del ciberespacio, destacando la presencia de lo empírico en lo virtual, y el hecho de que la Internet también sufre la determinación de las prácticas sociales. En la primera serie de análisis, se parte de las formaciones imaginarias del sujeto del discurso de resistencia y son identificadas las imágenes de incluido, excluido y ciudadano responsable; la incisa es tratada como espacio de interpretación del sujeto, que hace uso de la raya para romper con la ilusoria linealidad del texto en la búsqueda de la completitud de lo que dice y de sí mismo; las estrategias de revolución y las prácticas de protesta tanto del discurso de resistencia como del sistema socialista cubano son analizadas y se observan prácticas de resistencia ya reconocidas, así como otras que son re-significadas por los nuevos efectos de sentido que son creados en el medio electrónico, en la llamada revolución en red. El segundo bloc consiste en el análisis de la presencia del discurso *otro* en el discurso de la resistencia cubana. Los procesos de designación y el discurso relatado marcado sirven como delimitadores de territorio, produciendo efectos de distanciamiento y demarcación de las posiciones en lo que se refiere al sujeto del discurso en análisis y el discurso *otro* representado por el gobierno cubano y sus líderes. Los análisis permitieron observar el funcionamiento del discurso de resistencia como contestador y deseoso por cambios, tratándose del sistema socialista en Cuba; al mismo tiempo, el sujeto rescata viejas prácticas y discursos, los cuales aunque re-sinificados por el ciberespacio, funcionan al basarse en el discurso a que se opone, desconstruyéndolo, para entonces trabajar contra él.

Palabras clave: ideología, resistencia, discurso, ciberespacio.

LISTA DE ABREVIATURAS

AD – Análise do Discurso

AIE – Aparelhos Ideológicos de Estado

DRIF – Discurso Relatado Indireto Formal

DRII – Discurso Relatado Indireto Informal

DRM – Discurso Relatado Marcado

FD – Formação Discursiva

FI – Formação Ideológica

IA(A) – Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A

OEA – Organização dos Estados Americanos

SD – Sequência Discursiva

SINA: Sigla em espanhol da USINT (United States Interests Section)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1 IDEOLOGIA E RESISTÊNCIA.....	12
1.1 Materialismo histórico, ideologia e resistência.....	12
1.2 Língua, ideologia e resistência.....	16
1.3 Discurso, formação ideológica e formação discursiva.....	21
2 O FUNCIONAMENTO DO DISCURSO DE RESISTÊNCIA.....	28
2.1 Procedimentos metodológicos.....	28
2.2 O discurso no ciberespaço.....	32
2.3 A imagem do sujeito da resistência.....	37
2.3.1 IA(A)1 – A imagem de excluída.....	38
2.3.2 IA(A)2 – A imagem de incluída e integrante de um grupo.....	39
2.3.3 IA(A)3 – A imagem da cidadã responsável.....	40
2.4 A incisa e o direito à palavra.....	41
2.5 As marcas da revolução.....	46
2.6 Por uma política da boa vizinhança.....	53
3 A PRESENÇA DO <i>OUTRO</i> NO DISCURSO CUBANO DE RESISTÊNCIA	57
3.1 As designações para o poder.....	57
3.1.1 Abstração.....	59
3.1.2 Personificação.....	60
3.1.3 Desvinculação.....	62
3.2 A determinação discursiva.....	63
3.3 A delimitação da presença do <i>outro</i>	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
REFERÊNCIAS.....	77

INTRODUÇÃO

Os discursos revolucionários, de resistência e contestação têm se propagado com a mesma velocidade do desenvolvimento tecnológico. O avanço da técnica faz ressurgir antigas práticas com novos significados e permite que velhos sentidos possam ser ressignificados em novas práticas.

A possibilidade de estudar discursos através das tecnologias da linguagem e a circulação do conhecimento a partir de sujeitos projetados pela escrita eletrônica coloca a todos diante de uma nova materialidade discursiva: a *geração Y*, formada por indivíduos nascidos após a década de 80, até meados de 90, os quais convivem com a tecnologia desde muito cedo, sendo também conhecidos como nativos digitais, em oposição aos imigrantes digitais¹. Os imigrantes tiveram que se adaptar à cultura tecnológica e digital, enquanto os nativos sempre a reconheceram como familiar e parte de suas vidas. Uma outra *geração Y* também é representada pelo sujeito do discurso desta pesquisa. Aquela dos cubanos que, nascidos nas décadas de 70 e 80, carregam em seus nomes a letra y, como uma das marcas da influência soviética no país.

Esta pesquisa ocupa-se do discurso de resistência às práticas e ao discurso do governo socialista cubano na internet produzido pela cubana Yoani Sánchez e publicado no *blog Generación Y*², um dos mais lidos e comentados no mundo inteiro, e que rendeu à Yoani diversos prêmios relacionados à liberdade de expressão e de imprensa em vários países do mundo. A *blogueira* já foi eleita pela revista *Time* como uma das mulheres mais influentes do mundo e recebeu o prêmio *Ortega Y Gasset* de Jornalismo³. Yoani Sánchez é formada em Filologia Hispânica e mora em Havana com o marido, o jornalista Reinaldo Escobar, e um filho.

¹ Os termos foram cunhados pelo canadense Marc Prensky e desenvolvidos em diversos artigos e livros. Alguns textos podem ser encontrados em seu site: <<http://www.marcprensky.com>>.

² < <http://www.desdecuba.com/generaciony>>

³ As premiações acontecem desde 1984 e foram criadas pelo jornal espanhol *El País*, carregando o nome do pensador e jornalista também espanhol *Ortega Y Gasset*. São outorgados anualmente aos melhores trabalhos publicados nos meios de comunicação em língua espanhola em todo mundo, privilegiando as questões de liberdade de opinião e de imprensa e outros valores caros ao Jornalismo.

No *blog* são postadas crônicas curtas, geralmente acompanhadas de imagens, através das quais Yoani expõe o dia-a-dia dos cubanos e relata as dificuldades geradas pelo racionamento da alimentação, pelo uso de duas moedas, o que dificulta a aquisição de produtos pelos cubanos, a censura no acesso à internet e a canais de televisão, o comércio e outras práticas consideradas ilegais naquele país, e que, ao mesmo tempo, representam uma forma de sobrevivência, a ideologização da educação, entre diversas outras questões que dizem respeito aos cubanos que vivem sob um regime socialista desde a Revolução Cubana ocorrida em 1959, tendo sido implantado formalmente em 1961.

O discurso pode ser considerado de resistência já que surge como forma de denúncia e contestação das práticas e do discurso governamental. Yoani afirma ter recebido diversas advertências e ameaças pela publicação das crônicas, tendo seu *blog* como uma das páginas bloqueadas e, portanto, de acesso proibido a partir de Cuba. A blogueira tem ajuda de internautas e amigos para postar e traduzir seus escritos na internet e, muitas vezes, burla as regras do país e, fingindo-se de turista, acessa a rede mundial de computadores a partir de hotéis e outros lugares públicos em que somente estrangeiros visitantes podem fazê-lo. Convidada a receber prêmios e a participar de encontros e congressos ao redor do mundo, ainda não recebeu permissão para sair da ilha.

O blog *Generación Y* é compreendido, nesta realidade, como lugar de contradição: produzido em Cuba sem autorização do governo, serve como espaço de denúncia e contestação das práticas e do discurso socialista em Cuba, reivindicando modelos de liberdade e prosperidade provenientes do capitalismo, ao mesmo tempo em que apaga qualquer responsabilidade de países capitalistas em relação à situação cubana a qual denuncia. Em entrevistas⁴, a *blogueira* condena o embargo econômico americano a Cuba em vigor desde 1962, afirmando, no entanto, que o fim do bloqueio contribuiria não para as melhorias que o país necessita, mas para terminar com as desculpas dadas pelos governantes, que culpam os Estados Unidos pelas dificuldades econômicas de Cuba. Yoani é vista por muitos, ao redor do mundo, como uma defensora dos direitos humanos e da liberdade de expressão, mas também é criticada por descrever uma realidade cheia de exageros, que não é exatamente aquela vivida pelos cubanos. A *blogueira* também escreve e é entrevistada por órgãos de comunicação historicamente direitistas e/ou conservadores, como a revista *Veja*⁵, no que se refere ao Brasil.

⁴ Entrevista concedida por Yoani Sánchez ao jornalista francês e professor da Universidade de Sorbonne, Salim Lamrani. A entrevista pode ser encontrada traduzida em diversos sites, como este: <<http://agencianota.blogspot.com/2012/02/entrevista-com-yoani-sanchez-por-salim.html>>. Acesso em: 15/02/2012

⁵ Entrevista publicada na edição de 07 de outubro de 2009.

Através da investigação das marcas do sujeito do discurso e da presença do discurso *outro*, representado no *corpus* pelo governo cubano e seus líderes, busca-se analisar neste trabalho o funcionamento do discurso cubano de resistência, assim como sua produção de sentidos sob a perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa. Desse modo, é possível delimitar alguns questionamentos que norteiam esta pesquisa, sobretudo, no que diz respeito ao posicionamento do sujeito do discurso de resistência em relação ao discurso *outro*. 1) Quais são as marcas de resistência deixadas pelo sujeito do discurso? 2) Quais são suas práticas ou estratégias de resistência no ciberespaço? 3) Como o discurso *outro* é representado no discurso do sujeito em análise? 4) Quais são os efeitos de sentido produzidos pela representação do discurso *outro*?

Partindo dessas questões e tomando o funcionamento do discurso como base para a análise, o primeiro capítulo ocupa-se da discussão sobre ideologia e resistência. Tendo como base o materialismo histórico, parte-se dessas duas noções na realidade dos processos políticos e ideológicos, para então tratar da língua na visão da Análise do Discurso, sua exterioridade e aquilo que nela é resistência. A terceira parte do capítulo traz a discussão do funcionamento da ideologia na materialidade discursiva, trazendo os conceitos da AD que permitem a investigação dos processos discursivos e a possibilidade de identificar neles as marcas da resistência e da luta de classes.

O segundo capítulo dá início às análises. Discute-se o processo de organização e delimitação do *corpus* discursivo, sempre em construção na visão da AD, e o trabalho conjunto entre teoria e prática. As concepções de ciberespaço, cibercultura e virtualidade são discutidas, já que o processo discursivo em análise é produzido na/para a internet.

Para a análise do *corpus*, as sequências discursivas foram divididas em dois grupos. O primeiro trata do funcionamento do discurso de resistência, apoiado na análise das formações imaginárias do sujeito do discurso; da incisa como espaço de interpretação do sujeito, observando-se o uso do travessão; e do conceito de revolução como espaço de reprodução/ressignificação das práticas revolucionárias.

O terceiro capítulo da pesquisa constitui o segundo grupo de análises e trata da construção do *outro* no discurso de resistência. Para esta análise, foram discutidos os processos de designação, determinação e do discurso relatado marcado, através do uso das aspas, como formas de representação do discurso *outro* – o governo cubano e seus representantes.

Considerando a filiação desta pesquisa à Análise do Discurso não se pode deixar de dizer que as análises presentes nesse trabalho representam apenas um gesto de interpretação e buscam desenvolver uma reflexão sobre o processo discursivo de resistência cubano produzido no ciberespaço. Além disso, é preciso destacar que se optou por uma estruturação da dissertação em que a teoria e as análises não fossem apresentadas separadamente. Ao longo do trabalho, teoria e análise trabalham juntas, possibilitando uma leitura mais focada nos objetivos e reflexões desta pesquisa. Sabe-se que para a AD não há formas cristalizadas de trabalhar com o discurso, o que permite a singularidade e especificidade de cada pesquisa nesta área.

1 IDEOLOGIA E RESISTÊNCIA

[...] *é preciso ousar se revoltar.*

Michel Pêcheux

Este primeiro capítulo apresenta a discussão sobre os conceitos de ideologia e resistência e sua relação com a língua e o discurso. A primeira seção trata da ideologia e da resistência (revolução, protesto etc.) nos processos ideológicos e políticos sob a visão do materialismo histórico – um dos pilares da Análise do Discurso. A segunda parte do capítulo traz a noção de língua para a AD e toda a exterioridade que ela comporta, buscando mostrar aquilo que, na língua, representa a resistência. Por fim, na terceira seção, trata-se de aspectos relacionados ao aparato teórico da AD nos quais este trabalho se apoia: interdiscurso, memória, formações ideológicas e formações discursivas. Já nesta primeira parte, algumas análises do *corpus* permearão a discussão, contribuindo para a exposição da teoria.

1.1 Materialismo histórico, ideologia e resistência

Em uma posição considerada de *entremeio*, a Análise do Discurso foi fundada na articulação de três regiões do conhecimento científico, como explicam Pêcheux e Fuchs (2010, p.160):

1. materialismo histórico: teoria das formações sociais e de suas transformações, incluindo-se a teoria das ideologias;
2. linguística: teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação;
3. teoria do discurso: teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

Essas três regiões são ainda atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade, de natureza psicanalítica.

A AD é pensada, desse modo, “a partir de espaços relacionais entre disciplinas”, como afirma Orlandi (2005, p.76). Nesta concepção, a língua é ligada à exterioridade, à

ideologia, e a ideologia ao inconsciente. É este reconhecimento de que a língua não é uma estrutura fechada e está sujeita a falhas que permite a possibilidade “da reintrodução do sujeito e da situação no campo dos estudos da linguagem”. Este sujeito re-significado não é a origem do dizer e a situação não é empírica, mas linguístico-histórica (ORLANDI, 2005, p.77). Courtine (2006, p.39) lembra que o primeiro objetivo da Análise do Discurso foi o desejo de rearticular a dicotomia saussuriana entre língua e fala, fazendo ressurgir as condições de uso da língua, relegadas ao exterior do campo da ciência da linguagem. Ela representaria, desse modo, o “contragolpe do gesto decisivo de separação” pelo qual a linguística institucionalizou-se como ciência.

O materialismo histórico, como um dos campos científicos em que a Análise do Discurso apoiou sua fundação e desenvolvimento, carrega a visão desenvolvida por Marx e Engels (2009, p.51) em *A Ideologia Alemã* de que “a produção das ideias, de representações e da consciência está, no princípio, diretamente vinculada à atividade material e o intercâmbio material dos homens, como a linguagem da vida real”. É por isso que o materialismo histórico representa a teoria das formações sociais e suas transformações, e a teoria das ideologias. É na observação e análise das práticas dos sujeitos, portanto, que a visão materialista trabalha.

Em uma releitura do marxismo e, portanto, também do conceito de ideologia, em *Aparelhos Ideológicos de Estado*, Louis Althusser (2010, p.82) afirma que não há uma ideologia e sua história, mas é preciso tratar da história das ideologias, já que estas se confundem, em última instância, com a história das formações sociais e da luta de classes que nelas se desenvolvem. Ou seja, a história das ideologias tem sua determinação fora delas, já que Althusser (2010, p. 85) define a ideologia como uma “representação da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência”. O autor trabalha com a tese de que todos os aparelhos ideológicos de estado (AIE familiar; AIE escolar; AIE sindical etc.) têm como objetivo a reprodução das relações de produção. Ao buscar desenvolver uma teoria materialista do discurso Pêcheux (2009, p.131), na releitura que faz de Althusser, afirma que “os aparelhos ideológicos de estado constituem, simultânea e contraditoriamente, o lugar e as condições ideológicas da transformação das relações de produção”. Portanto, através do discurso é possível observar, analisar, reconhecer a luta de classes. Para Pêcheux (2009, p.274), os AIE seriam caracterizados ainda como “a sede e o motivo de uma luta de classes”. Luta essa, que se caracteriza discursivamente, conforme Pêcheux (2009, p.195), “por tomadas de posição *a favor* de certas palavras, formulações, expressões etc., *contra* outras

palavras, formulações ou expressões, exatamente como uma luta pela produção dos conhecimentos” (Grifos do autor).

Este trabalho não se ocupa da opressão exercida pelo funcionamento excludente do sistema capitalista, mas trabalha com o discurso daqueles que se sentem oprimidos pelo autoritarismo de líderes socialistas. Mesmo assim, as palavras de Pêcheux e de outros autores, ao se referirem à revolta, à revolução, à imposição e à opressão, parecem fazer sentido na análise do discurso de um sujeito que denuncia e resiste ao não identificar-se com a ideologia que o domina. Sobre essas práticas de revolta e repressão, Pêcheux (2009, p.280) afirma:

Há, talvez, no estudo histórico das práticas repressivas ideológicas um fio interessante a seguir, para que se comece, enfim, a compreender o processo de resistência-revolta-revolução da luta ideológica e política de classes, evitando fazer da ideologia dominada, seja a repetição eternitária da ideologia dominante, seja a autopedagogia de uma experiência que descobre progressivamente o verdadeiro atrás-das-cortinas das ilusões mantidas pela classe dominante, seja a irrupção teoricista de um saber exterior, o único capaz de romper o círculo encantado da ideologia dominante.

O autor observa que “não há dominação sem resistência” (PÊCHEUX, 2009, p.281). Considerar a ideologia do ponto de vista das relações de produção, portanto, implica considerá-la também do ponto de vista da *resistência à reprodução*, “ou seja, da perspectiva de uma multiplicidade de resistências e revoltas heterogêneas que se entocam na ideologia dominante, ameaçando-a constantemente” (PÊCHEUX, 2011, p.96). Desse modo, é preciso observar as ideologias dominadas, de acordo com Pêcheux, “como uma série de efeitos ideológicos que emergem da dominação e que trabalham contra ela por meio das lacunas e das falhas no seio dessa própria dominação” (PÊCHEUX, 2011, p. 96-96). É pelo estudo das práticas repressivas denunciadas pelo sujeito do discurso, portanto, que nesta análise compreende-se também o processo de resistência gerado por ele, assim como destaca Pêcheux.

Ao tratar do chamado *socialismo existente*, como aquele que funciona até os dias de hoje em Cuba, Pêcheux (2011, p.112-113) afirma que sempre houve uma tendência de formar um Estado do tipo de *fortificação ocupada*, em que há uma lógica militar de fronteiras, de intervenção armada, característica que representa ambiguidade e contradição. Pêcheux explica:

A frase “não existe um caminho militar para o socialismo”, oferece um bom exemplo para a função de ambiguidade no discurso político. Essa frase tem relação tanto com o fato histórico, que – substancialmente e até hoje – existiram apenas caminhos militares “para o socialismo”, e com o fato político que esses caminhos militares não levam ao socialismo. Sob esse ponto de vista – e qualquer que seja a saída do Estado – fica a questão levantada pelo movimento de massa polonês, que coloca em todos os níveis da sociedade o pedido por liberdades democráticas como sendo o problema principal do socialismo “existente” (grifos do autor).

Como o movimento de massa polonês, as marcas do discurso do sujeito de resistência, em análise, parecem trazer este mesmo pedido por *liberdades democráticas*, marcas que deixam transparecer também aquilo que está apagado do/no discurso.

O método marxista da crítica da ideologia, segundo Zizek (1996, p.306), consistiria em “detectar um ponto de ruptura heterogêneo para um dado campo ideológico e, ao mesmo tempo, necessário para que esse campo consiga seu fechamento, sua forma acabada”. Nesse processo, todo *universal ideológico* seria falso, já que há presente nele uma lógica da exceção. O autor traz como exemplo, justamente a questão da liberdade. Ele diz:

[a liberdade] é uma noção universal que abrange várias espécies (liberdade de fala de imprensa, liberdade de consciência, liberdade de comércio, liberdade política, etc.), mas também, por uma necessidade estrutural, uma liberdade específica (a de o trabalhador vender “livremente” sua força de trabalho no mercado), que subverte essa noção universal. Ou seja, essa liberdade é o próprio oposto da liberdade efetiva: ao vender “livremente” sua força de trabalho, o trabalhador *perde* sua liberdade – o conteúdo real desse livre ato de venda é a escravização do trabalhador ao capital. O aspecto crucial, é claro, é que essa liberdade paradoxal, a forma de seu oposto, é precisamente o que fecha o círculo das “liberdades burguesas” (ZIZEK, 1996, p.306).

A análise do discurso cubano de resistência permite identificar algumas marcas do anseio por essas *liberdades burguesas*, as quais revelam também a imagem que o sujeito do discurso constrói ao tratar das dificuldades em Cuba e das mudanças almejadas.

Para Pêcheux (2011, p.107), o *socialismo existente* “inscreve sua relação na história do desenvolvimento do capitalismo”. O autor observa que, fracassando em atingir o capitalismo em seu centro, o *socialismo existente* se constitui “de uma série de inversões/subversões históricas, mais ou menos violentas, na margem periférica do sistema” (PÊCHEUX, 2011, p.111). Isso significa dizer ainda que o *socialismo existente* não é independente “de um mundo simétrico do capitalismo, mas, sim, é uma sequência de incrustações, que surgiram uma após a outra no interior de seu desenvolvimento geral”.

Vale a pena refletir, segundo o autor (PÊCHEUX, 2011, p.118), sobre processos como esses, “ideologicamente heterogêneos, contraditórios, assimétricos e deslocadores”, e sobre o pensamento que vem “de baixo de atos incontestáveis, contraditórios, que encontram sua via e sua voz nos campos intermediários”. Essas “matérias brutas ideológicas do cotidiano” e suas fronteiras provisórias é que, na visão de Pêcheux (2011, p.118), podem fazer surgir “diferentes acontecimentos, movimentos e intervenções de massa”. Assim, a análise dos processos discursivos produzidos em contextos sócio-históricos como o socialismo cubano permite a observação dos efeitos de sentido produzidos tanto pelo discurso do governo, trazido pelo imaginário do sujeito de resistência, como do discurso de contestação do cidadão comum, que encontra *sua via e sua voz nos campos intermediários*.

O que se destaca nessa discussão e representa a essência desta pesquisa é que o estudo de processos e situações políticas assimétricas, contraditórias e heterogêneas implica pensar, segundo Pêcheux (2011, p.98), na sua relação com a linguagem através, por exemplo, da observação do jogo de palavras, da mudança metafórica dos sentidos, dos paradoxos etc. Esta relação deve ser vista como constitutiva desses próprios processos; “nesse sentido, o alcance da discursividade é inerente aos processos ideológicos”. Por essa relação constitutiva entre a linguagem e os processos ideológicos é que a próxima seção trata da língua na concepção da Análise do Discurso e daquilo que nela é resistência.

1.2 Língua, ideologia e resistência

“Sim [...]. De certa forma, para a Análise do Discurso e para os analistas do discurso, a língua da linguística se acabou”, é a resposta de Maria Cristina Leandro Ferreira (2005, p.217) à pergunta feita por Gadet e Pêcheux (2004) em *A Língua Inatingível*, sobre se a língua haveria acabado. A língua dos analistas do discurso, como destaca Leandro Ferreira, é a língua da falta, do equívoco, da falha; é a língua de nunca acabar, nunca alcançar... Esta língua é o objeto próprio e único de investigação da Análise do Discurso. Sendo assim, lança-se, neste trabalho, um olhar sobre o discurso da revolução, da resistência e da censura, buscando ultrapassar a língua sistemática, transparente e sem relação com a historicidade e o sujeito.

Considerando-se o impossível e a exterioridade como constitutivos da língua não é mais possível trabalhar as sequências de enunciados – o discurso, buscando excluir ou deixar de lado aquilo que não se encaixa, que não se pode explicar estruturalmente, já que esses

pontos de falta/falha estarão sempre presentes. Pêcheux (2008, p.53) os caracteriza como pontos de deriva nos enunciados ou nas sequências de enunciados, e explica que eles constituem o espaço de trabalho da Análise do Discurso, já que ali se oferece a possibilidade da interpretação. Desse modo, como observa Leandro Ferreira (2000, p.37), a língua não é vista como objeto na AD, mas como pressuposto para analisar a materialidade do discurso. Assim, a língua não é mais o centro, mas remete o analista à ordem do discurso. Ao tratar do trabalho de leitura de arquivo, Pêcheux (2010, p.58) escreve: “É esta relação entre *língua* como sistema sintático intrinsecamente passível de jogo, e a *discursividade* como inscrição de efeitos linguísticos materiais na história, que constitui o nó central de um trabalho de leitura de arquivo.”

Leandro Ferreira (2003, p.197) também destaca que a “língua do analista do discurso tem um funcionamento ideológico e suas formas materiais estão investidas desse funcionamento”. Nesse processo, o sentido constitui-se historicamente, nesta relação entre língua e sujeito. A língua, como defende Orlandi (2005, p.82), se inscreve na história para significar, sendo a interpretação responsável pela visibilidade do mecanismo de funcionamento da ideologia e do sujeito.

É a língua fluída, portanto, a que interessa à AD.

[...] é a língua movimento, mudança contínua, a que não pode ser contida em arcabouços e fórmulas, não se deixa imobilizar, a que vai além das normas. A que podemos observar quando focalizamos os processos discursivos, através da história de constituição das formas e sentidos, nas condições de sua produção, na sociedade e na história, afetada pela ideologia e pelo inconsciente. A que não tem limites. (ORLANDI, 2009, p.18).

A autora observa ainda que os processos de significação em uma língua estão sempre em movimento, e há uma imensa história desses processos de que nem sequer se suspeita. É por isso que só através de um gesto de leitura é possível atrever-se a analisar um processo discursivo, e para não perder de vista o caráter fluído da língua, é preciso levar em conta a ideologia e o funcionamento da história.

Pêcheux (2011, p.119) afirma que é preciso tratar a língua não simplesmente como *meio*, que descreve os processos ideológicos, mas deve-se considerá-la como “*um campo de forças* constitutivo desses processos, por meio dos jogos de linguagem, do trilhar metafórico

dos sentidos e dos paradoxos da enunciação, que as discursividades trabalham *na* e *contra* os corpos de regras de cada língua”.

Neste sentido, Leandro Ferreira (2000, p.22) observa que a Análise do Discurso pode ser considerada um lugar privilegiado para tratar da resistência, já que está colocada entre duas delas: a resistência do mundo e a do sujeito. O trabalho de resistência se situaria, assim, “na margem entre a dominação que se faz da linguagem e a que ela estabelece”. Aí se encontra a contradição à qual está exposto o sujeito – produtor da língua, que “se constitui e a constitui no âmbito de acontecimentos histórico-sociais” e, ao mesmo tempo, submisso ao assujeitamento. A resistência do mundo, da qual fala Leandro Ferreira (2000, p.22-23), é aquela da relação “tensa e crítica” que existe entre a AD e a história, a sociedade e as relações de poder: “para a AD vai importar a linguagem, não como mero instrumental, mas como mediação, trabalho simbólico. Na relação mundo/linguagem entra, como condição essencial, a ideologia”.

A seguir, uma das crônicas de Yoani Sánchez poderá ilustrar este funcionamento da resistência na língua e sua relação com o imaginário do sujeito e a memória.

Há palavras que têm seu momento, enquanto outras conseguem sobreviver aos modismos para permanecer no nosso cotidiano. Alguns vocábulos de presença desmedida contrastam com outros que foram condenados ao esquecimento, a ser mencionados apenas quando se evoca o passado. Todos esses processos de repúdio ou aproximação que ocorrem dentro das nossas cabeças ficam evidentes quando falamos. Daí que a morte pública de um político tenha início quando as pessoas deixam de colocar-lhe apelidos; a crise de um ideal fica demonstrada se poucos fazem referência a ele e a propaganda ideológica se debilita quando ninguém repete seus bordões maniqueístas. **A linguagem pode validar ou enterrar qualquer utopia.**

Entre as evidências linguísticas da nossa atual apatia, está o paulatino desaparecimento do termo “companheiro”. Cada vez se usa menos essa fórmula para aludir a um amigo de toda a vida ou alguém que encontramos pela primeira vez. Ao serem desterrados – por suas reminiscências pequeno-burguesas – os apelativos “senhor”, “senhora” e “senhorita”, chegaram outros que queriam manifestar uma maior familiaridade entre os cubanos, como o importado “camarada”. Aconteciam até casos tragicômicos, por exemplo, quando uma pessoa chamava de “companheiro” ao burocrata que o fazia esperar seis horas por um papel, embora na verdade tivesse vontade de insultá-lo.

Durante anos, dirigir-se a outra pessoa de modo distinto da etiqueta ditada pelo Partido, podia ser entendido como um desvio ideológico. Todos éramos “iguais” e até mesmo o uso de *usted* desapareceu nessa falsa intimidade que degenerava em frequentes faltas de respeito. Quando a ilha se abriu ao turismo, uma das primeiras lições que aprenderam os empregados dos hotéis foi retomar o estigmatizado “senhor” para dirigir-se aos hóspedes. Pouco a pouco os apelativos do passado mais recente ficaram restritos ao vocabulário dos mais fiéis, dos mais velhos. Assim, entre as milhares de saudações que se escutam hoje em nossas ruas – *brother*, *yunta*, *nagiue*, *sócio*, *amigo*, *ecobio*, *puro* ou o simples “psst” – cada vez aparecem menos as sonoras sílabas de “companheiro”. (SÁNCHEZ, 2009, p. 19-20)

A crônica acima está repleta de exemplos de como é possível “jogar” com o funcionamento linguístico, criando ilusões e efeitos de sentido como o de igualdade, no caso

do processo discursivo trazido para esta discussão. O abandono dos termos *senhor*, *senhora* como forma de respeito caíram em desuso pela necessidade de unificar, aproximar e fazer com que os cubanos se reconhecessem todos como iguais durante a revolução e implantação do socialismo em Cuba. As transformações não impediram, no entanto, que fossem recuperadas e criadas novas designações não *importadas*, como observa o sujeito do discurso, mas nascidas das práticas linguageiras locais.

De Nardi (2003, p.72) afirma que o imaginário determina, além da forma como o sujeito apreende a realidade, também o modo como ele se relaciona com a língua, sendo ela o primeiro elemento de construção da sua identidade, “uma vez que é por ela que o sujeito se diz”, e que carrega também “a identidade coletiva de um povo, já que a ela é inerente a sua memória, o seu trabalho sobre os sentidos, as tramas que teceu a história em sua criação”. A memória representa, nesta realidade, “esses resquícios da história, real ou fictícia, com a qual os sujeitos se relacionam por meio de uma relação imaginária (re)atualizando-os em seu discurso”. Sendo assim, a memória, lacunar, em uma “tensão entre esquecimento e retomada”, permite que se recupere também aquilo que foi apagado dos discursos e dos processos de manipulação da língua, por exemplo.

Por isso é que o apagamento da memória é tão significativo, ao apagar-se a memória cria-se a ilusão de que o novo acontecimento funcionará livre das amarras do passado; original, originário, ele formaria o marco zero dos discursos que sobre ele irão versar, fundando novos sentidos, independentes, daquilo que antes deles se produziu, fundados sobre o esquecimento dessa memória recusada. Essa recusa, porém, não se faz inteira, não se faz perfeitamente, deixa brechas, deixa falhas nas quais se infiltra a poeira da memória; esta história feita cinzas que, no entanto, permanece latente nos discursos, impregnada na língua pela qual os mesmos se constroem (DE NARDI, 2003, p.73).

Se é pela língua que o sujeito se constitui e constrói sua primeira identificação, é também através dela que ele se reconhece. Desse modo, o apagamento daquilo que o formou e daquilo que continua a constituí-lo na língua, como as formas de saudação ou pronomes de tratamento a que se refere o sujeito do discurso em análise, não podem desaparecer por completo, mas retornam pela *história impregnada na língua pela qual os discursos se constroem*.

A manipulação da língua e do discurso em regimes populistas e totalitários são também exemplos, como no *socialismo existente* cubano, da necessidade de unificação e apagamento das diferenças por parte do poder. Para Zandwais (2011, p.139), se essas políticas

investem em discursos que poucos ousam contradizer, “é porque estão fundadas sob os aspectos psíquico e social, na produção/reprodução da violência e do medo”. No desejo de construção imaginária de uma memória nacional, há o trabalho de refração da história, de controle dos sentidos, tornando-os objetos do senso comum, homogeneizando o simbólico (ZANDWAIS, 2011, p.133).

Também em outubro de 1917⁶, como observam Gadet e Pêcheux (2004, p.67), termos familiares, de tratamento e coloquiais “mudam de repente de sentido”, através de um jogo de palavras. Assim como na crônica analisada, os autores identificam a importação de certos termos como uma marca política de reconhecimento. “[...] envoltas por uma aura revolucionária, algumas palavras tornam-se verdadeiros fetiches”, observam (GADET & PÊCHEUX, 2004, p.68).

Sériot (1999, p.35), ao tratar da amnésia da língua russa, observa que há este “mito romântico da unidade do povo, de sua inocência primeira e de sua relação especular com a língua, em que a denegação da divisão pressagia desfavoravelmente o progresso da democracia”, aspectos esses que representariam uma memória profunda que funciona mascarada pela memória superficial.

Zandwais (2011, p.138), ao tratar do eufemismo como uma das formas mais convenientes de manipulação entre significantes e significados, observa que novas designações que superficialmente aparentam ser equivalentes àquelas que são substituídas, buscam estabelecer uma nova “correspondência” entre uma designação que entra em desuso, uma nova designação e um determinado significante. “A designação que entra em desuso, no entanto, é aquela que perturba, que coloca a descoberto o que precisa ser refratado, esquecido, para os fins da dominação, da produção de efeitos alienantes.”

Nota-se, como bem lembra Orlandi (1996, p.28), que a língua precisa da história para significar e que o sentido tem sua relação determinada pelo sujeito em sua relação com a história. A ideologia aparece aí como um efeito necessário dessa relação, como prática significante e discursiva. Ao reconhecer a materialidade da língua, reconhece-se também a interpretação como constitutiva dela, “isto é, compreendemos que os fatos são sujeitos à interpretação, e que a língua, na medida em que é suscetível ao equívoco, ao deslize, à falha, faz lugar para a interpretação” (ORLANDI, 1996, p.29). E tratando-se da revolução e sua

⁶ O mês de outubro de 1917 marca a derrubada do governo provisório na Rússia após a queda da monarquia (regime czarista) e tomada do poder pelo partido bolchevique, liderado por Lênin (VALLADARES; BERBEL, 1994).

relação com a linguagem, não se pode, de acordo com Pêcheux (1990, p.15), “limitar-se hoje à questão do discurso do Partido-Estado, e à da legitimidade/ilegitimidade deste enquanto enunciados do discurso revolucionário”. Para o autor, as questões relacionadas à legitimidade e usurpação estão além dos discursos revolucionários e da realidade do socialismo, e representam “uma das formas históricas mais solidamente instaladas”.

Desse modo, como esse funcionamento e como a representação da luta de classes podem ser identificadas na materialidade do discurso? Pêcheux desenvolveu esta questão com os conceitos de formação ideológica e formação discursiva, os quais serão discutidos na próxima seção.

1.3 Discurso, formação ideológica e formação discursiva

Em *Aparelhos Ideológicos de Estado*, Althusser (2010, p.85-88) propõe duas teses para abordar a questão da ideologia. A primeira, já citada neste trabalho, é a que diz que “a ideologia é uma “representação” da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência”; enquanto a segunda defende que “a ideologia tem uma existência material”. Assim, ao mesmo tempo em que a ideologia funciona não diretamente nas relações de produção existentes, mas na relação (imaginária) dos indivíduos com as relações de produção, ela existe sempre em um aparelho e em sua prática ou práticas, e esta existência é material. Tem-se no caso desta pesquisa, por exemplo, o discurso do sujeito de resistência e o discurso *outro* que emergem dos AIE político e de informação (como denominou o próprio Althusser (2010, p.68), ao tratar da imprensa, televisão, rádio etc.), representando a existência material da ideologia; e os efeitos de sentido produzidos pelo discurso do sujeito de resistência em sua relação com os modos de produção em Cuba, representando a relação imaginária dos indivíduos com as condições de produção.

Não se pode deixar de lado ainda a questão do Aparelho (repressivo) do Estado, o qual, conforme o autor, apresenta uma grande diferença em relação ao conjunto dos AIE: “o Aparelho repressivo do Estado funciona através da violência ao passo que os Aparelhos Ideológicos do Estado funcionam através da ideologia” (ALTHUSSER, 2010, p.69). No *corpus* em análise nesta pesquisa, trabalha-se, desse modo, com a ideologia que funciona dentro dos AIE citados acima, ao mesmo tempo em que se trava uma batalha com o Aparelho repressivo do Estado.

Considerando-se, portanto, que os AIE constituiriam a cena da luta ideológica de classes, como destaca Pêcheux (2009, p.133), a materialidade concreta dessa luta ou sua instância ideológica existiria sob a forma de formações ideológicas. Essas formações seriam as responsáveis pela produção de sentido de uma palavra, expressão etc., já que estas não possuem sentido em si mesmas, mas são determinadas “pelos posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas)” (PÊCHEUX, 2009, p.146). Isto é o que Pêcheux denomina de “o caráter material do sentido”. Este caráter é mascarado pela ilusão da transparência da linguagem, que cria um efeito de evidência para o sujeito, fazendo-o crer que uma palavra ou enunciado queiram dizer o que realmente dizem.

É a ideologia que cria esta evidência sob a qual “todo mundo sabe” o que é um patrão, um sindicalista, uma greve etc. e este funcionamento representa a dependência constitutiva do que Pêcheux (2009, p.146) denominou de “o todo complexo das formações ideológicas”. O autor explica esta dependência, dizendo que

as palavras expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas.

Pêcheux e Fuchs (2010, p.163-164), ao tratarem da “espécie discursiva” como pertencendo ao “gênero ideológico”, também concebem os processos discursivos como um dos aspectos da materialidade ideológica. Desse modo, as formações ideológicas comportariam uma ou várias formações discursivas (FDs), as quais determinariam *o que pode e deve ser dito* a partir de uma posição dada dentro dos aparelhos ideológicos, inscrita numa relação de classes. Partindo-se, portanto, das formações ideológicas, chega-se ao espaço complexo e heterogêneo das formações discursivas, um conceito que se desenvolveu ao longo dos estudos da AD.

Ao considerar a ideologia como aspecto essencial para a análise dos discursos, Pêcheux (2009, p.147) concebe a formação discursiva como o espaço onde as palavras, expressões e proposições produzidas recebem seu sentido. Desse modo, a análise do processo discursivo torna-se a análise do sistema de relações de substituição, paráfrases, sinonímias etc. em uma certa formação discursiva. A FD, portanto, torna-se a matriz, o lugar de constituição do sentido (PÊCHEUX, 2009, p.148).

É neste ponto também que se compreende o funcionamento do sujeito no discurso. Foi também em Althusser (2010) que Pêcheux buscou a afirmação de que a ideologia interpela o indivíduo em sujeito e o constitui. Segundo o autor, não há qualquer prática que não ocorra através e sobre uma ideologia; assim como só há ideologia pelo sujeito e para o sujeito. Ao mesmo tempo, os indivíduos seriam assujeitados, aceitando livremente a submissão ideológica. Pêcheux (2009, p.147) explica que “os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes (sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. O sujeito não é a origem do dizer, já que é determinado pela FD na qual está inserido. Desse modo, processos como os de designação e determinação (os quais serão discutidos neste trabalho a partir das sequências em análise) podem ser observados sob a ótica da formação discursiva, a qual opera sobre o sujeito e determina seu dizer.

No entanto, ao mesmo tempo em que se constitui “pelo esquecimento daquilo que o determina” (PÊCHEUX, 2009, p.150), o sujeito tem a ilusão necessária de que é a fonte do sentido, o que Pêcheux (op. Cit., p.161-162) chamou de *esquecimento n° 1*. Já o *esquecimento n°2* faz o sujeito acreditar que tem o domínio daquilo que diz, sendo capaz de selecionar estrategicamente o que dizer no sistema de enunciados em relação de paráfrase em uma FD específica. Como explica Indursky (1997, p.33), esses dois tipos de esquecimento determinam a diferença entre *base linguística* – esquecimento n° 1 e *processo discursivo* - esquecimento n° 2. Segundo a autora, “o exame da base linguística torna-se, pois, uma etapa indispensável, embora insuficiente, para identificar a FD que subjaz ao processo discursivo em análise. Para atingir a FD, é preciso relacionar esses dois níveis entre si”.

Tomadas no *corpus* deste trabalho, as sequências discursivas (Sds) a seguir servem como exemplo de identificação da formação discursiva do sujeito do discurso, através de elementos provenientes da própria materialidade linguística. Observe-se:

Sd1: Com o toco do lápis da espera, escrevemos, em várias páginas dessa agenda virtual, a necessidade de acabar com as restrições para entrar e sair do país, o anseio de nos associarmos livremente e de escolher o credo no qual os nossos filhos vão se formar ou a vontade de ganhar os salários na mesma moeda com que se vende a maioria dos produtos (SÁNCHEZ, 2009, p. 131).

Sd2: Ao ver esses jovens iranianos utilizando toda a tecnologia para denunciar as injustiças, percebo tudo o que poderíamos fazer, nós que mantemos um blog na Ilha. A prova de fogo da nossa incipiente comunidade virtual ainda não chegou, mas talvez nos surpreenda amanhã... com o agravante da pouca conectividade (SÁNCHEZ, 2009, p. 58).

As duas Sds representam a inserção de Yoani Sánchez em uma formação discursiva que poderia ser considerada de *resistência*. Verifica-se a oposição à FD governamental, a quem o sujeito atribui a responsabilidade por impor leis de proibição/controlado de entrada e saída do país, a proibição da livre associação, da escolha de credo e do uso de duas moedas. A discordância entre as duas FDs é identificada pelo uso de expressões como *lápiz da espera*, *necessidade de acabar*, *anseio*, *escolher*, *vontade*. O desejo de transformação encontra-se com aquele da resistência ao observar-se a Sd2, na qual Yoani afirma: *percebo tudo o que poderíamos fazer, nós que mantemos um blog na Ilha*. Tem-se, assim, através da observação dos elementos linguísticos (expressões utilizadas) e dos processos discursivos (relação da FD em questão com outras FDs, neste caso a governamental) a delimitação, mesmo que sempre instável e heterogênea, de uma formação discursiva. Entre os saberes que regulam a FD de resistência, observa-se a concepção, no imaginário do sujeito do discurso, de um governo injusto e autoritário; o sujeito do discurso incita algum tipo de manifestação popular (assim como os jovens iranianos) e cria a imagem de uma “luta” mais difícil, mais sofrida (*com o agravante da pouca conectividade*).

Inscrito em uma FD, o sujeito ocupa seu espaço através da chamada *forma-sujeito* e ocupa posições, através do que Pêcheux (2009) chamou de modalidades de identificação.

A primeira modalidade é a do *bom sujeito*, de acordo com Pêcheux (2009, p.199). O sujeito da enunciação identifica-se com o sujeito universal, assujeitando-se livremente. Esta modalidade “revela uma identificação plena do sujeito do discurso com a forma-sujeito da FD que o afeta” (INDURSKY, 2007, 80). Na segunda modalidade, o sujeito da enunciação vai contra o sujeito universal, ocorrendo um distanciamento, através de uma tomada de posição. Há, assim, uma contra-identificação com alguns saberes da FD que afeta o sujeito. Este seria o discurso do *mau sujeito* (PÊCHEUX, 2009, p.199). A desidentificação surge com a terceira modalidade, quando há um deslocamento da forma-sujeito. Como explica Indursky (2007, p.82) “o sujeito rompe com a FD em que estava inscrito e com a qual se identificava e passa a identificar-se com outra FD e com sua respectiva forma-sujeito”.

É, portanto, pelas tomadas de posições que a FD pode ser reconhecida como heterogênea assim como “a forma-sujeito que a organiza também é heterogênea em relação a si mesma”, abrigando a diferença e a ambiguidade (INDURSKY, 2007, p.83).

Courtine (2009, p.99) reforça a noção de heterogeneidade da FD, afirmando que a contradição é constitutiva das FDs, é o lugar onde os objetos e elementos do saber se formam. Desse modo, as fronteiras das FDs se deslocam constantemente “em razão dos jogos da luta

ideológica, nas transformações da conjuntura histórica de uma dada formação social”. Para o autor, o domínio de saber de uma FD específica constrói-se no interdiscurso desta FD, “como articulação contraditória de FD e de formações ideológicas”.

O interdiscurso constitui-se, assim, como noção essencial à Análise do Discurso; Pêcheux (2009, p.149) a concebeu para tratar do “todo complexo com dominante” das formações discursivas. Assim como o sujeito é sempre-já sujeito, por ser interpelado pela ideologia e carregar a ilusão do livre assujeitamento, o discurso também é sempre-já discurso, pois “algo fala sempre antes, em outro lugar e independentemente”. Este é o espaço do interdiscurso, determinado materialmente pelos efeitos de pré-construído e do discurso transversal (ou articulação de enunciados).

Courtine (2009, p.74-75) retoma os trabalhos de Paul Henry, que foi quem introduziu o termo *pré-construído* e de Pêcheux, para explicar o funcionamento do interdiscurso sob esses dois aspectos. Sobre o pré-construído, ele retoma:

Esse termo [...] designa uma construção anterior, exterior, independente por oposição ao que é construído na enunciação. [...] Trata-se do efeito discursivo ligado ao encaixe sintático: um elemento do interdiscurso nominaliza-se e inscreve-se no intradiscurso sob forma de pré-construído, isto é, como se esse elemento já se encontrasse ali. O pré-construído remete assim às evidências pelas quais o sujeito se vê atribuir os objetos de seu discurso: “o que cada um sabe” e simultaneamente o que “cada um pode ver” em uma dada situação.

A enunciação de uma sequência discursiva apropria-se, portanto, dos elementos do interdiscurso, como espaço do pré-construído, ao mesmo tempo em que o interdiscurso atravessa e conecta entre si esses elementos. “O interdiscurso funciona, assim, como um discurso transversal, a partir do qual se realiza a articulação com o que o sujeito enunciador dá coerência ao fio do discurso” (COURTINE, 2009, p.75). Em uma sequência discursiva, desse modo, o interdiscurso aparece “como um efeito do interdiscurso sobre si próprio”.

Para exemplificar este funcionamento, considere-se a sequência a seguir:

Sd3: Ao observar os atuais destinatários do anúncio de quase cinquenta anos atrás, me pergunto quando a **prosperidade** deixará de ser vista como **contrarrevolucionária** (SÁNCHEZ, 2009, p.147) (grifo nosso).

As marcas do interdiscurso podem ser identificadas pelo uso das expressões *prosperidade* e *contrarrevolucionária*, já que são termos provenientes de outros espaços, outros discursos. *Prosperidade* poderia ser relacionada ao discurso capitalista, enquanto *contrarrevolucionária* faria parte do discurso socialista/comunista. No fio do discurso, o pré-construído aparece como se estivesse sempre ali, e nasce o efeito de evidência produzido pelo sujeito do discurso.

O funcionamento desta relação entre interdiscurso e intradiscurso, é preciso destacar, acontece por meio da memória discursiva. Courtine (2009, p.105-106) explica que esta noção “diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regidas por aparelhos ideológicos”. Na materialidade do discurso, a lembrança, a refutação, a repetição e o esquecimento – aspectos da memória discursiva, ao constituírem saberes de uma FD própria, já existem como enunciados “no tempo longo da memória”, enquanto as formulações funcionam “no tempo curto da atualidade de uma enunciação”. É esta relação, portanto, entre esses dois tempos que podem ser representados pelo interdiscurso e o intradiscurso que cria um efeito discursivo designado como efeito de memória.

Pêcheux (1999, p.52) também esclarece a noção de memória discursiva, ao afirmar:

A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

A memória discursiva funcionaria, como ilustra Mittmann (2008, p.120), como um “estofamento que dá suporte ao novo discurso, que o sustenta, acomoda e conforta, isto é, conformiza”. Ao mesmo, pelo surgimento de um acontecimento discursivo esse mesmo estofamento precisa remodelar-se, “para melhor absorvê-lo e acomodá-lo”. Esse processo, como se sabe, não se dá de forma pacífica, mas pelo conflito. Schons (2006, p.76) observa ainda que, para Pêcheux, a memória funciona como um elemento pré-discursivo e vinculado ao materialismo histórico, o que significaria dizer que para os analistas do discurso, ao analisar o funcionamento do discurso e seus efeitos de sentido, estando presente aí também o efeito de memória, já se estaria estudando o político, representado na AD “pela investigação das relações desiguais no modo de produção das classes sociais, nas relações de antagonismo entre as classes”.

Retomando a Sd3 anteriormente apresentada, pode-se dizer que pela presença de expressões tidas como pré-construídos provenientes do interdiscurso – *prosperidade* e *contrarrevolucionária* -, encaixadas no fio do discurso, surge o efeito de memória, que atualiza esses enunciados como formulações na atualidade deste discurso. *Prosperidade* e *contrarrevolucionária* podem receber outras significações, ao mesmo tempo em que podem reforçar sentidos anteriormente constituídos, o que parece acontecer na SD em análise. A *prosperidade* de que fala o sujeito do discurso parece fazer ressoar o sentido de *prosperidade* do discurso capitalista, representada pelo crescimento econômico; do mesmo modo, o sentido de *contrarrevolucionária* é apenas reforçado por seu retorno na atualidade, tentando demonstrar que para o discurso socialista, a prosperidade econômica dos moldes capitalistas vai contra seus ideais revolucionários. O sujeito do discurso reúne, em um mesmo enunciado, marcas de discursos de duas formações discursivas que se opõem, criando esta imagem que condena o estado cubano por não ser a favor da *prosperidade*, uma palavra carregada de sentido no mundo capitalista⁷.

Com a apresentação do aparato teórico no qual este trabalho se apoia, parte-se, no próximo capítulo, para os procedimentos de análise e discussão das sequências discursivas que constituem o *corpus* desta pesquisa, assim como as condições de formação do processo discursivo em estudo.

⁷Também é possível analisar esta SD através da noção de estereótipo já que ele cumpriria no discurso, segundo Orlandi (1995, p.129), o mesmo papel do pré-construído, [...] “dando ao sujeito a impressão de que só ali os sentidos retornam, protegendo-o assim do mesmo sentido e da sua intercambialidade com outro sujeito qualquer”. Para Orlandi, o estereótipo “é o lugar onde o sujeito resiste [...]”. É uma forma de proteger sua identidade no senso comum, pois o estereótipo cria condições para que o sujeito não apareça, diluindo-se na universalidade indistinta” (ORLANDI, 1995, p.129).

2 O FUNCIONAMENTO DO DISCURSO DE RESISTÊNCIA

*Habito uma utopia que não é minha.
Diante dela, os meus avós se persignaram e os
meus pais entregaram os seus melhores anos. Eu a
levo sobre os ombros sem poder sacudi-la.*

Yoani Sánchez

Neste capítulo são apresentados os procedimentos metodológicos e o primeiro grupo de análises do *corpus* desta pesquisa, referente ao funcionamento do discurso cubano de resistência na internet, assim como suas condições de produção.

2.1 Procedimentos metodológicos

“É preciso encontrar textos que incomodem”, afirma Courtine (2006, p.27). A escolha do *corpus* desta pesquisa se deu pela compreensão de que o discurso de resistência e de denúncia contra o regime socialista cubano se espalha pela rede mundial de computadores, produzindo sentidos que merecem ser analisados no contexto histórico atual, em que novas e velhas causas constituem as bandeiras das revoluções atuais ou apenas revestidas de atualidade, apenas por serem apoiadas em novos suportes e propagadas por diferentes meios, como aqueles tecnológicos. Courtine (2006, p.82) destaca a importância, em se tratando do discurso político, de buscar “o oral, o comum, a diferença, por meio dos quais os indivíduos se apropriam do discurso político, recebem-no, falam sobre ele à sua maneira, criam armadilhas, preconceitos, aceitam-no ou a ele resistem”.

O *corpus*, neste trabalho, não é representado pela oralidade, mas mesmo através da escrita, representa a apropriação do discurso político por um sujeito comum e distanciado do discurso institucionalizado, que fala a seu modo e resiste ao discurso socialista e totalitário imposto em seu país de origem. Assim, analisa-se, nesta pesquisa, o processo discursivo produzido pela publicação de crônicas no *blog Generación Y*, por Yoani Sánchez, filóloga, blogueira e cidadã cubana.

Na tentativa de uma delimitação do *corpus*, criou-se um campo referencial que possibilitasse a análise, já que, como explica Courtine (2006, p.21), “construir um *corpus* discursivo é fazer entrar a multiplicação infinita e a dispersão fragmentada dos discursos no campo do olhar por um conjunto de procedimentos escópicos”. Para tanto, foram selecionadas crônicas publicadas no *blog Generación Y* entre dezembro de 2008 e agosto de 2009, posteriormente reunidas em um livro intitulado *De Cuba com carinho*. Para o trabalho de análise, optou-se pela versão em livro, publicada em português pela editora Contexto. Assim como o analista do discurso lança seu gesto de interpretação em direção ao discurso em análise, o *corpus* desta pesquisa também é formado por um gesto de interpretação da própria *blogueira* Yoani Sánchez, que foi quem selecionou entre as próprias crônicas publicadas no *blog*, no ar desde 2007, aquelas que estariam presentes no livro.

A opção pelo livro não deve interferir na compreensão de que o discurso em análise foi e continua sendo produzindo primeiramente para o meio eletrônico, com todas as características que essa prática implica; ao mesmo tempo, não se pode deixar de reconhecer que a reunião de crônicas selecionadas e publicadas em um livro produz um deslocamento que precisa ser considerado. Ocorre aí uma apropriação do discurso pelo mercado editorial, o qual, inscrito em uma certa formação discursiva, no processo de editoração, manipula e trabalha com ele na ilusão necessária de que outros sentidos sejam produzidos. Não há, por exemplo, as mesmas formas de interação que o *blog* propicia, como os comentários, há uma certa ausência de temporalidade, já que não há datação das crônicas, como no *blog*, além ainda, da própria tradução⁸. Não obstante a isso, ocorre a interação autor, texto, leitor no processo de desconstrução/construção de sentidos.

Este mesmo mercado e seus editores, inseridos na concepção e lógica capitalistas também trabalham de modo a reforçá-las, o que reflete na constituição do livro em si, seu título, os anexos e outros autores inseridos nele tratando de aspectos históricos do país, como é o caso de *De Cuba com carinho*. Tendo em conta esses aspectos, optou-se ainda por tratar do funcionamento e circulação de discursos produzidos para a internet na próxima seção, considerando-se ser esse o meio para o qual o discurso em análise foi inicialmente pensado, além de aspectos como sua capacidade de propagação e a produção de sentidos que nasce

⁸ Para a Análise do Discurso, a tradução também é um lugar de interpretação. Ela é considerada um espaço de possibilidades, já que permite que sempre outros sentidos possam ser eleitos através de seu processo. (MITTMANN, 2001)

dessa característica, entre outras específicas do meio eletrônico e das próprias referências ao meio eletrônico presentes no discurso de Yoani Sánchez.

A constituição do *corpus* na Análise do Discurso, como explica Orlandi (1998, p.10), é “instável e provisória”, não seguindo critérios empíricos, mas teóricos. A autora observa ainda que as marcas linguísticas por si só não dizem muito sobre o discurso. “É preciso considerar o modo como aparecem em um discurso, ou seja, temos de estabelecer seu modo de existência em relação à propriedade do discurso que é objeto de análise”. Schons (2000, p.101) destaca ainda que “o *corpus* se constitui à medida que vão se construindo sentidos”. Nesse processo, há um gesto de interpretação do analista que integra simultaneamente a teoria e a prática. Courtine (2006, p.66) define ainda o *corpus* discursivo “como um conjunto de sequências discursivas estruturadas, de acordo com um plano definido em referência a um certo estado de condições de produção de discurso”.

Neste trabalho, portanto, tem-se como *corpus* 94 sequências discursivas retiradas de 71 das 102 crônicas publicadas pela cubana Yoani Sánchez no *blog Generación Y* e selecionadas pela *blogueira* para posterior publicação em livro. As Sds estão divididas em dois grandes grupos, os quais foram organizados em conjuntos menores, de acordo com os temas que as relacionam.

Neste segundo capítulo, são apresentados conjuntos de sequências discursivas retiradas de 28 crônicas que dizem respeito ao funcionamento do discurso de resistência, analisando a imagem do sujeito de resistência, o conceito de revolução, assim como a noção de revolução e das práticas revolucionárias identificadas no discurso analisado, e a incisa como espaço de interpretação do sujeito do discurso. O primeiro conjunto trabalha com crônicas selecionadas para a análise das formações imaginárias, tendo sido verificadas três diferentes imagens do sujeito do discurso. As 14 Sds dividem-se entre a imagem de excluída; incluída e integrante de um grupo; e a imagem de cidadã responsável. O segundo conjunto consiste em nove Sds que trazem advérbios entre travessões, questão tratada neste trabalho através do conceito de incisa. Pela discussão deste conceito e de alguns aspectos relacionados à pontuação sob uma visão discursiva, observa-se o espaço da incisa como manifestação do sujeito pela necessidade do acréscimo e da completude, como observa Orlandi (2005). Manifestações essas que no *corpus* desta pesquisa são bastante representativas, já que se trata de um sujeito a quem o direito de se manifestar é negado. Para as questões relacionadas à revolução, a Sd 30 funciona como norteadora da análise no que diz respeito à concepção de revolução para sujeito do discurso. A análise apoia-se nas formas de refutação e do enunciado

dividido discutidos por Courtine (2009), e no conceito de revolução trazido por Arendt (1988). Opõem-se, assim, a revolução socialista à revolução em rede. Outras oito Sds contribuem para a verificação dessa oposição pela análise das chamadas estratégias ou práticas revolucionárias tanto do sujeito do discurso quanto do discurso ao qual ele se opõe – o do governo cubano. O último conjunto deste grupo, o qual ainda faz parte da discussão do conceito e aspectos da revolução, traz sete Sds que representam as posições do sujeito do discurso e do governo cubano no que concerne à relação entre Cuba e os Estados Unidos da América. A análise baseia-se ainda no conceito de revolução forjado por Arendt (1988) e nos elementos revolucionários que ela traz: novidade, começo e violência.

O terceiro capítulo apresenta grupos de sequências discursivas retirados de 43 crônicas que são representativas da heterogeneidade do discurso de resistência, através dos processos de designação, determinação e do discurso relatado marcado. Estes, por sua vez, contribuem para a observação do funcionamento do discurso *outro* presente nos conjuntos de sequências discursivas em análise. O primeiro grupo apresenta 18 Sds divididas em três grupos menores, de acordo com as aproximações no modo de designar o governo cubano e seus líderes. São verificadas três formas recorrentes de designação que correspondem: à abstração, através da qual o sujeito do discurso não faz menção a nenhum líder e nem mesmo à palavra *governo*; à personificação, forma pela qual o sujeito designa através de características pessoais, não fazendo uso do nome próprio; e à desvinculação, através do uso da terceira pessoa. A observação dessas formas de designação possibilita a análise da posição do sujeito do discurso em relação ao governo cubano e seu desejo de distanciar-se, demonstrando sua posição resistente. Pelo viés da determinação discursiva e do conceito de interdiscurso também é possível observar a posição do sujeito do discurso novamente em relação às lideranças cubanas, especialmente a Fidel Castro, pela análise do substantivo líder e seus determinantes; também é possível observar a tomada de posição do sujeito em relação a certas práticas dos cidadãos cubanos, consideradas ilegais pelo governo, mas uma possibilidade de sobrevivência para muitos. Para a análise sobre determinação são analisadas 14 sequências discursivas. O último conjunto do terceiro capítulo traz 14 Sds em uma análise da delimitação da presença do *outro* no discurso apoiada nas questões de heterogeneidade trazidas por Authier (1990; 2004) e do discurso relatado marcado, identificado pelo uso das aspas. Assim como nas análises dos processos de designação e determinação, o discurso relatado marcado permite observar o desejo de demarcar a presença do *outro* e distanciar-se

de sua posição. Trabalha-se, portanto, com a análise da formação discursiva de resistência e sua heterogeneidade, através da presença do discurso *outro*.

Para o trabalho de análise de FDs que se opõem entre si como é o caso nesta pesquisa, a noção de formação discursiva é essencial. Orlandi (1998, p.11) afirma que é através dela que a dispersão de textos pode ser organizada em regularidades enunciativas por seu modo de inscrição histórica. Ao mesmo tempo, considerando as formações discursivas como heterogêneas e suas fronteiras instáveis, Orlandi (Op. Cit., p.12) lembra a importância do interdiscurso como regulador dos “deslocamentos” das fronteiras, pela incorporação de “elementos pré-construídos”. A autora diz ainda:

É importante compreender bem a relação entre dois domínios - o do inter e o do intradiscorso - em sua relação com as formações discursivas pois é dessa relação que deriva a possibilidade de bem se entender como funciona o sujeito, e é essa relação que torna possível a análise. O sujeito tem um espaço possível de singularidade nos desvãos que constituem os limites contraditórios das diferentes formações discursivas (ORLANDI, op. Cit., p.12).

Além da importância do conceito de formação discursiva para a análise do *corpus*, a noção de condições de produção do discurso também é essencial, pois permite tratar da exterioridade “como processo de identificação e a história como prática social” (SCHONS, 2000, p.66). Desse modo, como explica Schons, há sempre um duplo-fundo em cada dizer: “de um lado, há uma exterioridade permitindo a identificação de lugares e, de outro, uma historicidade que assegura a passagem contínua de domínios de saberes”. É esta movimentação dos sentidos na materialidade discursiva que permite sua mesma consolidação ou sua ressignificação. A seção a seguir trata das condições de produção do discurso concebido no/para o meio eletrônico.

2.2 O discurso no ciberespaço

Assim como qualquer outro espaço de produção do discurso, o ciberespaço também possui seu funcionamento e características próprios. Para tratar dele é preciso, primeiramente, defini-lo. Pierre Lévy (1999, p.92) o descreve como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”. O termo abrangeria não só esta infraestrutura material, mas também “todo o universo oceânico de

informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (LÉVY, 1999, p.17). Com o crescimento do ciberespaço desenvolve-se também um conjunto de práticas, atitudes, valores etc. que o autor denomina de cibercultura.

A cibercultura, por sua vez, está ligada ao virtual sob duas formas: direta e indireta. Diretamente, pela digitalização da informação que, justamente por isso, pode ser aproximada da virtualização. Lévy (op. Cit., p.48) explica que “no centro das redes digitais, a informação certamente se encontra fisicamente situada em algum lugar, em determinado suporte, mas ela também está virtualmente presente em cada ponto da rede onde seja pedida”. A outra forma de ligação entre a cibercultura e o virtual é indireta, pelo favorecimento de outros movimentos de virtualização, não somente o da informação. É pelas particularidades técnicas do ciberespaço que as pessoas podem cooperar, coordenar, alimentar e consultar uma memória comum, “e isto quase em tempo real, apesar da distribuição geográfica e da diferença de horários” (LÉVY, op. Cit., p.49).

O virtual, portanto, é um conceito importante para compreender o funcionamento dos discursos no ciberespaço. Lévy (1996, p.15) desconstrói a ilusão da noção de virtual como “simples ausência de existência”. O virtual, como explica o autor, não se opõe ao real, mas ao atual.

A atualização consiste na “criação, invenção de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças e de finalidades.” Ocorre aí uma produção de novas qualidades, transformações de ideias, “um verdadeiro devir que alimenta de volta o virtual” (LÉVY, 1996, p.17). Desse modo, o atual não se assemelha ao real, mas “responde-lhe”. Neste ponto, percebe-se a diferença entre realização, como “ocorrência de um estado pré-definido” e atualização, como “invenção de uma solução exigida por um complexo problemático”. Para ainda compreender melhor a oposição entre atual e virtual, Lévy (1996, p.17-18) explica:

A virtualização pode ser definida como um movimento inverso da atualização. Consiste em uma passagem do atual ao virtual, em uma “elevação à potência” da entidade considerada. A virtualização não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado: em vez de se definir principalmente por sua atualidade (uma “solução”), a entidade passa a encontrar sua consistência essencial num campo problemático.

Enquanto a atualização, portanto, passava de um problema para uma solução, a virtualização passa de uma solução a outro problema. Sob essa compreensão, tem-se no discurso de resistência, produzido no ciberespaço, um novo problema; o atual alimenta o virtual, nesse contexto, através das soluções técnicas encontradas pela *blogueira* e por internautas em todo mundo para a propagação do discurso em rede, assim como pelas formas de censura adotadas pelo Estado em relação ao *blog*, além de possíveis transformações das práticas e dos discursos governamentais como consequência do discurso de denúncia e contestação. Desse modo, percebe-se o deslocamento do foco da solução (atual) para o problema (virtual).

A desterritorialização é outra característica marcante da virtualização, já que quando uma pessoa, um grupo, uma informação ou um ato se virtualizam, tornando-se “não-presentes”, eles se desterritorializam (LÉVY, op. Cit., p.21). Este aspecto permite a “continuidade da ação, apesar de uma duração descontínua”. Nem por isso, entretanto, o virtual pode ser considerado imaginário, já que ele produz efeitos. (LÉVY, op. Cit., p.21).

Todo esse funcionamento do virtual e suas características contribuem enormemente para a compreensão e análise do processo discursivo presente no *corpus* desta pesquisa. Não se pode esquecer, entretanto, que a visão materialista na qual este trabalho se apoia permite a compreensão de que o virtual, representado especialmente pela internet, “emerge no seio de uma determinada formação social, historicamente situada, produzindo efeitos imediatos não só nas práticas discursivas, mas também nas práticas sociais” (GRIGOLETTO, 2011, p.51). Além disso, considerando o espaço virtual enquanto lugar “em que o empírico e o discursivo se entrelaçam” e onde se materializam várias discursividades, como o trata Grigoletto (2011, p.47), reconhece-se um lugar em que, muito além da ilusão da total liberdade, carrega a coerção social, as formas de regulação, o controle. Estes representam o espaço empírico que, através das relações de poder institucionais, controla “o que pode e deve ser dito do espaço discursivo no espaço virtual”.

As sequências discursivas a seguir ilustram essa presença do empírico no espaço virtual, através da censura imposta pelo governo cubano não só ao *blog Generación Y*, mas também como a muitas outras páginas e *blogs*, a partir do discurso de resistência.

Sd4: Para aumentar as dificuldades, em março de 2008 o governo cubano instalou um filtro tecnológico para impedir meu blog de chegar ao interior de Cuba (SÁNCHEZ, 2009, p. 27).

Sd5: Cada tentativa de silenciar meus escritos, geraria mais e mais hits no servidor onde estava hospedado meu blog. Os tempos tinham mudado e os métodos de coação não tinham conseguido se adaptar à velocidade que a tecnologia tinha imposto (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 27).

Sd6: [...] para que nos deixem navegar na internet sem páginas bloqueadas ou para que nos microfones abertos possamos dizer a palavra “liberdade” e não sermos acusados – por isso – de fazer “uma provocação contrarrevolucionária” (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 92).

O *filtro tecnológico*, os *métodos de coação* e as *páginas bloqueadas* de que trata o sujeito do discurso representam bem o funcionamento do empírico que, através das práticas sociais representativas da formação discursiva com a qual o governo socialista cubano se identifica, caracterizado pelo controle e autoritarismo, atuam diretamente no espaço virtual e geram consequências e efeitos de sentido, tanto no ciberespaço quanto no espaço físico compartilhado pelos cubanos. Sobrinho (2011, p. 28) observa que o espaço virtual não pode ser desvinculado da práxis social, já que consiste em relações sociais, sendo essas significantes e contraditórias de uma dada conjuntura histórica. Garcia Canclini (1996, p. 30) questiona por que esta possibilidade de acesso aos bens materiais e simbólicos em uma sociedade globalizada não incita também um “exercício global e pleno da cidadania”. O autor responde à sua própria questão, levantando o aspecto da contradição e dizendo que, em uma concepção neoliberal de globalização, os direitos não são iguais e a modernidade e suas novidades funcionam apenas como espetáculo para alguns e como objetos de consumo para a maioria. “O direito de ser cidadão, ou seja, de decidir como são produzidos, distribuídos e utilizados esses bens, se restringe novamente às elites”.

Lévy (1999, p.199) também trata da questão da censura e da oposição entre Estado e ciberespaço, ao observar que a soberania e territorialidade do primeiro entram em conflito com o caráter desterritorializante e ubiqüitário do segundo. Ao mesmo tempo, ele lembra que as leis que dizem respeito à censura, direitos autorais, associações proibidas etc. podem ser contornadas com muita facilidade no ciberespaço. “Como os sujeitos de um Estado podem conectar-se a qualquer servidor do mundo [...], é como se as leis nacionais que dizem respeito à informação e à comunicação se tornassem inaplicáveis” (LÉVY, 1999, p.204).

Da perspectiva da Análise do Discurso, Mittmann (2011, p. 120) destaca ainda que com a internet circulam de forma potencializada “vozes outras que não as parafraseadas do discurso da ideologia dominante”, permitindo a divulgação de discursos de denúncia, assim como as convocações de internautas, “ultrapassando fronteiras geográficas e econômicas”. É o que acontece com o discurso de resistência produzido por Yoani Sánchez. A blogueira *posta*

suas crônicas às cegas, como ela mesma afirma, com a ajuda de outras pessoas, já que não pode acessar seu blog a partir de espaços públicos com acesso à internet em Cuba, ao mesmo tempo em que é lida e tem seus textos comentados por milhares de internautas no mundo inteiro. A lógica entre Estado e ciberespaço funciona, de fato, de maneira oposta, ao mesmo tempo em que, como lembra Grigoletto (2011, p. 51), o espaço virtual, abrigo de diferentes discursividades, também não se constitui, ele próprio, num espaço de discursividade sem a determinação da prática social.

Não se pode deixar de destacar que também o meio virtual e suas ferramentas, como os computadores, inseridos em uma lógica de mercado, produzem desigualdade e exclusão. Garcia Canclini (1996, p. 240) observa que nos anos oitenta e noventa ocorreu uma dissolução dos espaços políticos de negociação. Ao mesmo tempo em que se observa atualmente um retorno dos cidadãos às ruas e diversos protestos em diversas partes do mundo, ocorre que as lutas políticas adquiriram um caráter abstrato e “os conflitos sociais e a gestão dos seus atritos se deslocaram para lugares herméticos, onde atuam forças com as quais os cidadãos não podem se confrontar” (GARCIA CANCLINI, op. Cit., p. 241). É preciso refletir, assim, sobre o real alcance dos discursos no meio virtual, como o da resistência cubana. Garcia Canclini (op. Cit., p. 242-243) alerta sobre a perda da distinção entre o real e o simbólico e o extravio da pergunta sobre a legitimidade das representações; quando “tudo é simulacro, não sobra lugar para a confrontação racional de posições, nem para a troca, nem, é óbvio, para a negociação”. O reconhecimento e as premiações que a *blogueira* Yoani Sánchez recebeu são uma pista para pensar nesta realidade apresentada por Canclini, e também sobre quanto espaço e apoio nesse debate têm a negociação e a participação cidadã dos habitantes de Cuba, justamente pela lógica da internet que, mesmo dando espaço a outras vozes, também continua a legitimar e reconhecer os mesmos heróis de sempre, enquanto a maioria dos excluídos do mundo real o é também no mundo virtual.

Na próxima seção, apresenta-se o primeiro grupo de sequências discursivas, tratando do funcionamento do discurso de resistência. Examinam-se as formações imaginárias do sujeito do discurso, os espaços de interpretação em que ele emerge pelo estudo da incisa e do travessão, bem como a discussão do conceito e práticas da revolução.

2.3 A imagem do sujeito da resistência

Pêcheux afirma que todo processo discursivo (2010, p. 81-82) supõe a existência de formações imaginárias, as quais designam o lugar que o sujeito produtor do discurso (A) e o destinatário (B), atribuem a si próprios e um ao outro. Para analisá-las, o autor formulou quatro questões implícitas que corresponderiam às formações imaginárias correspondentes:

- IA(A) Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A: “Quem sou eu para lhe falar assim?”

- IA(B) Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A: “Quem é ele para que eu lhe fale assim?”

- IB(B) Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B: “Quem sou eu para que ele me fale assim?”

- IB(A) Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B: “Quem é ele para que me fale assim?”

Estas formações, como explica Pêcheux (2010, p. 85), resultam “de processos discursivos anteriores [...] que deram nascimento a “tomadas de posição” implícitas que asseguram a possibilidade do processo discursivo em foco”. O imaginário do sujeito, assim, é sempre atravessado pelo “já-dito” e funciona de modo a determinar, a regular o modo como o sujeito olha ao seu redor. De Nardi (2003, p.72) compreende o imaginário como “uma série de discursos anteriores pelos quais se cria para o sujeito tanto a imagem da língua com a qual se relaciona, quanto a sua própria imagem”. Sendo assim, o imaginário surge como determinante do “modo como o sujeito apreende a realidade”.

Mariani (2003, p.70) observa também que, na visão de Pêcheux, o que funda a unidade imaginária do sujeito é a presença do pré-construído inserido no discurso. Assim, “ao dizer “eu” desse lugar imaginário e identificado à formação discursiva que o domina, o sujeito materializa sua inserção na história, mostra um percurso de sentidos na língua e, ao mesmo tempo, se coloca a mercê do jogo dos significantes”.

Considerando-se que este trabalho examina apenas o discurso produzido por um sujeito (A), as sequências discursivas a seguir serão representativas da imagem que A produz de si mesmo neste processo discursivo. Serão analisadas, portanto, as três imagens que representam o sujeito do discurso de resistência, identificadas a partir de seis crônicas nas

quais a blogueira trata justamente de sua situação em Cuba, de como é vista e como se sente após a criação do blog *Generación Y*.

2.3.1 IA(A)1 - A imagem de excluída

Sd7: Acontece que eu não existo, porque nenhuma entidade estatal me tem em seu inventário, porque não pago as cotas de um sindicato, nem apareço nas listas de algum refeitório operário. [...] Na prática, sou um fantasma cívico, um não-ser, alguém que não pode mostrar diante do incisivo olhar do porteiro nem uma mínima prova de que está na engrenagem oficial (SÁNCHEZ, 2009, p.107).

Sd8: *Generación Y* me trouxe também um halo radioativo que foi se espalhando ao redor do meu corpo (SÁNCHEZ, op. Cit., p.29).

Sd9: Apesar dos eflúvios nocivos que comecei a exalar há mais de dois anos, houve quem se mantivesse próximo por um tempo até a contaminação resultar-lhe perigosa demais (SÁNCHEZ, op. Cit., p.29).

Sd10: Muitos dos que se aproximam de mim não sabem o que é um blog e jamais navegaram na internet, mas identificam meu rosto como proibido [...] (SÁNCHEZ, op. Cit., p.31).

Sd11: Portanto, enquanto perco amigos no mundo real – assustados pelas advertências feitas pela polícia política – o ciberespaço me proporciona novas companhias virtuais (SÁNCHEZ, op. Cit., p.29).

Sd12: Voltei a viver o que já conheço: estavam todos, menos eu (SÁNCHEZ, op. Cit., p.78).

As SDs recém-apresentadas não refletem como o sujeito do discurso deseja ser visto, mas como se sente em função de sua posição contestadora e dos efeitos de sentido produzidos por seu discurso. A exclusão, da qual Yoani afirma ser vítima, se dá pelas coerções e proibições do governo – Yoani não faz parte de *nenhuma entidade estatal* e apesar de muitas tentativas, ainda não recebeu permissão para sair do país – *estavam todos, menos eu*⁹. A exclusão se dá também pelo medo que outros cubanos têm de serem associados à Yoani e sua posição resistente, por isso identificam seu rosto *como proibido*, ou afastam-se por estarem *assustados pelas advertências*, ou porque a aproximação resultaria *perigosa demais*. Este afastamento gerado pela criação do blog *Generación Y* é representado pelo que Yoani denomina de *halo radioativo*.

⁹ Yoani Sánchez se refere ao lançamento de seu livro *Cuba Libre* na feira do livro em Turim, Itália. A blogueira não recebeu autorização do governo para viajar e participar do evento.

O imaginário pensado como determinante da realidade para o sujeito leva em conta também o apagamento de certas questões que podem ser recuperadas. A questão da exclusão, por exemplo, é relacionada à ausência do nome ou inscrição em alguma lista ligada ao Estado socialista, motivo para que não lhe *deem* existência. O que não aparece nessa discussão, entretanto, é o fato de que para o funcionamento do Estado, no sistema capitalista, os indivíduos só existem a partir do registro do seu nascimento, e só é possível ser parte integrante do sistema, ser considerado “cidadão”, tendo em mãos o título de eleitor, cadastro de pessoa física, registro geral. Assim, o discurso de que somente a lógica socialista reconhece seus cidadãos através de suas listas ou inventários não justifica a exclusão do sujeito, em detrimento da inclusão em um programa como o capitalismo, com o qual as marcas deixadas pelo sujeito em análise parecem se identificar. O que legitimaria, então, a existência e inclusão do sujeito na sociedade, no imaginário do sujeito desse discurso? Orlandi (1995, p. 110) observa que “a censura intervém na relação do indivíduo com sua identidade social e com o Estado”. É o silêncio imposto pelo Estado em Cuba, portanto, que cria essa imagem de exclusão já que “o silêncio instala um trabalho que incide justamente sobre o jogo da identidade social, [...], sobre a dimensão pública do cidadão” (ORLANDI, 1995, p. 110). Além disso, como ainda observa Orlandi (1995, p.107), o sujeito fica impedido de identificar-se com certas regiões do dizer (pela censura) “pelas quais ele se representa como (socialmente) responsável, como autor”.

2.3.2 IA(A)2 - A imagem de incluída e integrante de um grupo

Sd13: Mãos virtuais e amigas me ajudaram a manter meu espaço, apesar de eu ter me convertido numa blogueira às cegas (SÁNCHEZ, 2009, p.27).

Sd14: [...] o ciberespaço me proporciona novas companhias virtuais (SÁNCHEZ, op. Cit., p.29).

Sd15: [...] enquanto celebravam o fato de meu blog – o nosso – ter ganhado notoriedade em função do prêmio (SÁNCHEZ, op. Cit., p.30).

Sd16: Se ainda há tempo para prestar minha solidariedade aos blogueiros iranianos, então aqui vai um post para dizer-lhes: ‘Hoje são vocês, amanhã bem que poderíamos ser nós’ (SÁNCHEZ, op. Cit., p.58).

Esta imagem, assim como a anterior, representa outra consequência da produção de sentidos provenientes do discurso de resistência. Ao mesmo tempo em que se cria a imagem de exclusão pelos grupos que apoiam ou temem o discurso socialista cubano, a imagem de inclusão por um grupo que compartilha das mesmas visões e anseios é formada. A inclusão aparece com o uso de expressões como *mãos amigas*, *nosso* (quando se refere ao *blog*), *companhias virtuais* e ao expressar solidariedade e reconhecer-se como igual entre os *blogueiros* iranianos que denunciaram e protestaram contra uma possível fraude na eleição presidencial de 2009, além de outras injustiças no país. Os protestos ficaram conhecidos no mundo todo através das redes sociais. O uso de *vocês* e *nós* (Sd16) também cria essa imagem de uma relação próxima, de grupos que compartilham das mesmas dificuldades e anseios e que lutam pelas mesmas conquistas.

Quando diz ter se tornado uma *blogueira às cegas* (Sd13), Yoani se refere ao fato de postar suas crônicas, ou fazê-lo através da ajuda de outras pessoas, sem poder acessar ou ler seu próprio *blog* pelas dificuldades tecnológicas e pela censura.

2.3.3 IA(A)3 - A imagem de cidadã responsável

Sd17: A plaquinha de inimiga do governo cubano não há quem me tire, embora eu prefira reafirmar que me sinto apenas uma cidadã (SÁNCHEZ, 2009, p.32).

Sd18: As palavras vertidas nesse diário virtual não tiveram o fardo pesado dos que foram vítimas ou carrascos: são – simplesmente – os demônios soltos de alguém que se sente “responsável” pelo que acontece em seu país (SÁNCHEZ, op. Cit., 31-32).

Sd19: Estou consciente de que me calei, de que permiti que alguns poucos governassem a minha ilha como se se tratasse de uma fazenda. Simulei e aceitei que os outros tomassem as decisões que correspondiam a todos nós [...]. Sou responsável por ter posto a máscara [...]. Aplaudi [...] e fui embora do meu país quando estava cheia [...] (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 135-136).

Sd20: *Generación Y* dissolveu a máscara que usei durante muitos anos e deixou a nu um novo rosto que cada um percebe à sua maneira (Sánchez, op. Cit., p.31).

As duas imagens anteriores foram decorrentes da produção de sentidos do discurso de resistência. A imagem de cidadã responsável, finalmente, diz respeito ao modo como o sujeito do discurso se vê e deseja ser visto: uma cidadã cubana que, ao manifestar-se e burlar a censura, está defendendo os direitos de seu país e de seus concidadãos. As pistas linguísticas

dessa imagem decorrem de expressões como: *me sinto apenas uma cidadã; alguém que se sente “responsável” pelo que acontece em seu país; estou consciente de que me calei/permiti/simulei/aceitei/aplaudi/fui embora; sou responsável por ter posto a máscara; Generación Y dissolveu a máscara*. A *máscara* representaria o silêncio do sujeito, atrás da qual Yoani não pode mais esconder-se, e que permitia sua aceitação e resignação em relação às práticas e discursos com os quais não se identificava.

A análise dessas três imagens revela questões especialmente relacionadas à censura e à repressão. De acordo com Orlandi (1995, p.107), a censura “é a inscrição do sujeito em formações discursivas determinadas, isto é, proibem-se certos sentidos porque se impede o sujeito de ocupar certos lugares, certas posições”. Ao reconhecer-se como parte do grupo, o sujeito do discurso recupera um espaço que não lhe é permitido no mundo real. “A censura atinge a constituição da identidade do sujeito” (Orlandi, 1995, p. 121); este, por sua vez, sempre encontra formas de manifestar-se, “não importa em que situação particular de opressão”. No discurso da blogueira Yoani Sánchez, o ciberespaço foi a forma encontrada para burlar a censura e a regulação dos sentidos.

2.4 A incisa e o direito à palavra

Em se tratando da análise de processos discursivos e não de unidades textuais, como é o caso desta pesquisa, a pontuação vai além da reflexão gramatical e evidencia a incompletude do discurso e do sujeito. Os sinais de pontuação são tratados, nesta perspectiva, como sinais discursivos, detectados visivelmente, materializando um espaço possível de interpretação (GRANTHAM, 2009, p.16).

Ao longo da história verifica-se, através de pesquisa feita por Grantham (2009), que é no início do século XX, com a referência feita à pontuação na *Grammatica Portuguesa* de João Ribeiro, de 1911, que surgem diferenças na sua definição. Como observa a autora (GRANTHAM, 2009, p.105) “a pontuação deixa de ser relacionada à respiração, às pausas de oralidade, e passa a ser uma particularidade do discurso escrito. E, como podemos ver, passa-se a falar em discurso”. De qualquer maneira, até esse ponto não parece haver “uma preocupação maior com os sentidos que a pontuação produz, a não ser em termos de clareza, transparência e boa qualidade do texto”. Da mesma forma, não há preocupação com o sujeito empregador desses sinais.

Ao tratar especificamente dos sinais de pontuação, Grantham (2009) também tem a impressão, no decorrer de sua pesquisa, de que uma das funções principais da pontuação seria a criação de vínculos – entre palavras, frases, textos e até discursos; além da função de orientar a ação linguística de quem escreve e de quem lê. Assim, de um ponto de vista enunciativo, como é o caso dos estudos de Chacon (1998, apud GRANTHAM, 2009, p.111), há a preocupação pelo sentido produzido pela pontuação, mas ela está centrada no “fazer-se entender”. A autora acredita, no entanto, que este “fazer-se entender” diz respeito às condições de produção da leitura. Assim, a pontuação pode ser examinada “do ponto de vista da produção de sentidos”, alcançando, desse modo, o nível discursivo.

Nesta pesquisa, foi identificada a presença recorrente do travessão acompanhado de advérbios na análise das sequências discursivas. Na Moderna Gramática Portuguesa, Bechara (2009, p.612) explica que o travessão pode substituir outros sinais de pontuação, como vírgulas, parênteses ou colchetes para evidenciar uma expressão intercalada, como também para denotar uma pausa mais forte. A *Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos* (BELLO, 1980, p.45) também traz como uma das funções do travessão, a de destacar esclarecimentos ou incisas que interrompem o discurso. Sendo o destaque de certas expressões uma das funções do travessão, são tratados nesta seção aspectos relacionados ao acréscimo, ou à incisa, com a observação de que os textos originais em espanhol apresentam a mesma estrutura e pontuação.

Haroche (1992), ao investigar os processos de determinação, trata da elipse e da incisa, as quais, para ela, representam dois polos limites da gramática e formas de ruptura da linearidade do discurso. A gramática ignora o papel da ambiguidade e o separa do implícito, limitando-a a um fato de sintaxe. Fazendo-o, “se esforça em reafirmar o caráter linear do discurso e da frase, delimitando tacitamente seu funcionamento global pela *elipse*, concebida como uma *falta necessária* e a *incisa* como um *acréscimo contingente*” (HAROCHE, 1992, p.116).

A quebra produzida pela incisa surge, como explica Haroche (1992, p. 129) com a presença de elementos explícitos que interrompem o curso da frase, elementos esses “que não teriam a ver com o conteúdo da proposição, mas com o seu autor, ou com um “outro” de quem o sujeito relata os propósitos”. Uma quebra que pode ocorrer em favor do sujeito, que “pode se dizer” (HAROCHE, op. Cit., p.132); ou ainda, o lugar onde se exprime sua liberdade “e as zonas de obscuridade e de ambiguidade necessária à liberdade” (op. Cit., p. 116). Sendo assim, ao considerar a incisa (e a elipse) como possibilidade de ambiguidade, admite-se, como

observa Grantham (2009, p.127), que elas têm relação direta com a incompletude do discurso, estando ligadas a diferentes leituras.

Orlandi (2005, p.117) observa que, como a língua funciona no equívoco, a pontuação pode ser considerada um gesto de interpretação, que se articula à forma-sujeito. A autora considera o acréscimo “como lugar em que o sujeito trabalha seus pontos de subjetivação, o modo como ele interpreta”¹⁰(ORLANDI, 2005, p.110). Orlandi diz ainda que no acréscimo se pode observar a presença do político e da ideologia, pois é justamente onde o sujeito interpreta que é possível identificar filiações de sentido e inscrições em certas formações discursivas (ORLANDI, 2005, p.113). Mais uma vez, e sempre mais, se percebe a necessidade de uma análise que ultrapasse a descrição de aspectos apenas linguísticos ou privilegie o sujeito onipotente, e a análise da pontuação contribui para esta compreensão. Esta ruptura que o sujeito do discurso acredita fazer de forma consciente revela a dificuldade de encaixar-se no corpo rígido do texto e a necessidade de buscar meios para encontrar a completude impossível de ser alcançada. Dito melhor por Orlandi (1983 *apud* ORLANDI, 2005, p.116): “a pontuação é uma violência simbólica necessária: um mecanismo que administra nossa relação à incompletude da linguagem”.

A presença de advérbios entre travessões identificada nas análises desta pesquisa poderia então representar, sob uma ótica discursiva, o espaço de interpretação encontrado pelo sujeito do discurso, onde ele revela o que a exigência de continuidade do texto lhe impede, sustentando a ilusão da completude – do discurso e de si mesmo. Sobre esta ambiguidade, Lisboa (2008, p.114) comenta: “a distância entre a percepção do sujeito e sua constituição na/pela linguagem é resultante da própria estrutura da língua, ou seja, de que nem tudo é possível dizer”. As sequências discursivas a seguir foram retiradas de oito crônicas e agrupadas pela recorrência do travessão e a presença de advérbios, trazendo a análise da incisa.

Sd21: A Seção de Interesses dos Estados Unidos¹¹ tinha um toldo painel luminoso – que **poucos** conseguiam ler – para transmitir notícias, artigos da declaração dos direitos humanos e mensagens

¹⁰ Do mesmo modo que o acréscimo, a falta também representa um gesto de interpretação do sujeito e permite a identificação de filiações de sentido. Orlandi (2005, p.114) afirma que o acréscimo “é um excesso em relação à falta e não ao completo”. Sinais de pontuação como as reticências e a interrogação já contribuíram para estudos relacionados à falta e ao silêncio, como o de Grantham (2009).

¹¹ A Seção de Interesses dos Estados Unidos, com escritório localizado em Havana, tem como funções serviços consulares, seção política e econômica, diplomacia pública, e programa para refugiados políticos, além de promover uma transição pacífica ao sistema democrático baseada no respeito à lei e aos direitos humanos individuais e abrir sistemas econômicos e de comunicação. Informações retiradas do site oficial da Seção de

políticas. Diante dela, um bosque de bandeiras impedia que, da altura de um ser humano, as letras deslizantes pudessem ser vistas (SÁNCHEZ, 2009, p.24).

Sd22: À medida que eu me tornava mais conhecida, os ataques se intensificavam. Até o Comandante – **disfarçadamente** – me daria um primeiro arranhão no prólogo do livro *Fidel, Bolivia y algo más*¹² (SÁNCHEZ, op. Cit., p.30).

Sd23: Muitos dos que se aproximam de mim não sabem o que é um blog e jamais navegaram na internet, mas identificam meu rosto com o proibido, que é – **indiscutivelmente** – muito mais atrativo que o permitido (SÁNCHEZ, op. Cit., p.31).

Sd24: A ação de aprovar por unanimidade e aplaudir com frenesi – **como sempre** fazem – não requer nem muito tempo de reunião nem o usufruto de um relaxante ar-condicionado (SÁNCHEZ, op. Cit., p.37).

Sd25: Sinto que com isso nós cidadãos outra vez saímos perdendo, pois nossos governantes têm seus próprios canais para se comunicar com o resto do mundo. Isto é – **claramente** – um golpe nos internautas, nos “foragidos da rede”, que são todos os que acessam a internet em Cuba. (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 71)

Sd26: Os funcionários continuaram falando da “recuperação frente aos furacões” e os jornais – que **lamentavelmente** não podem ser usados como absorventes higiênicos – mencionaram que a colheita de batatas excedeu as metas estipuladas (SÁNCHEZ, op. Cit., p.88).

Sd27: Eram os anos em que o Came¹³ havia rolado ladeira abaixo junto com o sistema agrícola socialista e os nossos umbigos se aproximavam – **dolorosamente** – da espinha (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 169).

Sd28: Telefonemas de intimidação, acusações de assalariados do Império – como são **pouco** originais! – e até a velada advertência de que haverá agressão física (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 123).

Sd29: Entre as impressões mais intensas que a cidade de Santiago de Cuba me deixou está – **precisamente** – a de não se poder usufruir dos mesmos serviços que estão à disposição dos turistas estrangeiros (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 131-132).

Interesses dos Estados Unidos em Cuba. Disponível em: <[http://spanish.havana.usint.gov/about the embassy.html](http://spanish.havana.usint.gov/about_the_embassy.html)> . Acesso em: 02/05/2012.

¹² No prólogo, Fidel Castro traz trechos de crônicas publicadas no *blog Generación Y*, sem mencionar o nome de Yoani Sánchez, utilizando-se disto como um dos exemplos da disseminação do imperialismo, afirmando ainda que a *blogueira* tem a generalização como *slogan* e é uma enviada especial para um trabalho de “sabotagem”, sendo recompensada pela imprensa neocolonial da antiga metrópole (em referência ao prêmio que Yoani Sánchez recebeu do jornal espanhol *El País*). Disponível em: <<http://www.juventudrebelde.cu/cultura/2008-06-23/prologo-escrito-por-fidel-del-libro-fidel-bolivia-y-algo-mas>>. Acesso em: 15/02/2012

¹³ “O Came, Conselho de Ajuda Mútua Econômica, foi fundado por Stalin em 1949 e chegou a ser composto por dez países membros, inclusive Cuba, que se incorporou a ele em 1972.” (SÁNCHEZ, 2009, p.170)

As sequências discursivas em análise representam um claro exemplo da incisa, neste caso, representada graficamente através do uso dos travessões, como um gesto de interpretação do sujeito. Isto gera efeitos de sentido que não poderiam ser produzidos sem o acréscimo. A Sd15, por exemplo, revela que mesmo *um toldo painel luminoso*, que cria uma imagem de grandeza e visibilidade, estava na verdade escondido e *poucos* conseguiam lê-lo. Na Sd16, o sujeito faz uso do travessão para acrescentar uma informação que pode ser considerada não acessória ou extra, mas essencial, já que ao dizer que o arranhão dado por Fidel Castro ocorreu *disfarçadamente*, revela também que a “crítica” recebida não poderia ser tão facilmente reconhecida ou identificada com a blogueira. Observa-se, aqui, o desejo do sujeito de ser reconhecido como contestador e resistente, já que é criticado pelo maior representante do governo socialista cubano, ao mesmo tempo em que busca mostrar que a forma como isso ocorreu foi estratégica, mas que não deixou de ser percebida por ela.

O uso de advérbios como *indiscutivelmente* (Sd23), *claramente* (Sd25), *lamentavelmente* (Sd26), *dolorosamente* (Sd27) e *precisamente* (Sd29) revela a presença do sujeito no discurso e reforça sua posição resistente e discordante ao denunciar ou opor-se a alguma atitude de parte do governo ou daqueles que apoiam o regime, já que advérbios como os analisados constituem-se como marcas de subjetividade e contribuem para reforçar uma opinião ou afirmação trazida. Considerando ainda a Sd24 (*como sempre fazem*), e a Sd 28 (*como são pouco originais*) é possível perceber a posição do sujeito de resistência que transmite a imagem de que certas práticas políticas em Cuba são comuns e se repetem, como *a ação de aprovar por unanimidade e aplaudir com frenesi* (Sd24) e *telefonemas de intimidação, acusações de assalariados do Império* (Sd25).

Tal acréscimo representa a necessidade do sujeito pela completude ou unicidade do sentido, defendendo-se da “ameaça da proliferação sem limite, a invasão selvagem do empírico no simbólico, invasão da posição sujeito por outras regiões de sentidos possíveis” (ORLANDI, 2005, p.122). É por causa desta ameaça que o sujeito pontua, e acrescenta, e tem a ilusão da completude. O uso do advérbio entre travessões como um comentário sobre a enunciação não pode ser considerado apenas um elemento acessório nesta análise e a concepção discursiva da linguagem permite reconhecer a força deste acréscimo. Considerando que a língua comporta a falha, o equívoco e a ambiguidade, “a AD mostra que sujeito e sentido sofrem determinações que nos tiram do controle da linguagem e fazem com que falar seja um ato de repercussões imprevisíveis” (LISBOA, 2008, p.119).

2.5 As marcas da revolução

No prefácio de *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*, um estudo de grande importância para a AD, desenvolvido por Courtine, Pêcheux (2009, p. 25-26) alerta sobre a necessidade de afastar a ideia de que as ideologias dominadas seriam independentes e se formariam em outro lugar que não no cerne da própria ideologia dominante. Ele diz:

elas nascem no lugar mesmo da dominação ideológica na forma dessas múltiplas falhas e resistências, cujo estudo discursivo concreto supõe abranger o efeito do real histórico que, no interdiscurso, funciona como casualidade heterogênea, e, ao mesmo tempo, o efeito do real sintático, que condiciona a estrutura internamente contraditória da sequência intradiscursiva.

Sendo assim, o sujeito do discurso em análise, inscrito em uma formação discursiva contrária àquela do governo, busca no interdiscurso, lugar da repetição, daquilo que a memória salva e apaga, elementos provenientes da própria ideologia dominante e os toma como próprios. Em outras palavras, Pêcheux (1990, p.17) trata ainda desta questão quando afirma: “as ideologias dominadas se formam *sob* a dominação ideológica e *contra* elas, e não em um “outro mundo”, anterior, exterior ou independente.” Assim, a palavra *revolução*, carregada de sentido para os que implantaram o socialismo em Cuba e os que continuam a defender o regime na Ilha, torna-se instrumento de oposição e ganha novos e, ao mesmo tempo, velhos sentidos na fala de Yoani.

A sequência a seguir norteará a análise sobre *revolução* e as práticas relacionadas a ela na escrita de Yoani. A sequência foi retirada da crônica intitulada *Revolução.com*, publicada em fevereiro de 2009, quando do término de um congresso de informática em Cuba (Informática 2009), do qual a *blogueira* não pode participar já que era preciso, segundo ela, fazer parte de uma instituição oficial para estar presente. Na sequência, observam-se os sentidos que o sujeito do discurso atribui a este item lexical.

Sd30: Uma **verdadeira revolução.com** ocorre **paralela** e **contrária** ao raciocínio que também querem nos impor no mundo virtual. Essa **não tem barbudos nem fuzis e muito menos um líder gritando na tribuna**. É **lenta** e **ainda localizada**, mas **vai alcançar quase todos os cubanos**. [...] Inclusive hoje, enquanto o evento Informática 2009 é encerrado a portas fechadas, em algum lugar já se abre uma nova brecha por onde passaremos **sem permissão**” (SÁNCHEZ, 2009, p. 126) (Grifo nosso).

Na Sd30 é possível observar que, ao mesmo tempo, em que o sujeito enumera os significados que dá para *revolução*, ele rejeita aqueles outros sentidos que a mesma palavra pode ter na FD contrária. A negação *não tem barbudos nem fuzis e muito menos um líder gritando na tribuna* permite concluir que, em outra revolução, que não a do sujeito deste discurso, existem *barbudos, fuzis e líderes gritando na tribuna*. Ao trazer essa negação, o sujeito pode estar se referindo à dinâmica de gerenciamento na internet, que permite espaços de resistência, menos controle e uma imagem de horizontalidade. Por outro lado, a negação revela a imagem que o sujeito do discurso de resistência tem da revolução conduzida por Fidel Castro, *um líder barbudo, que grita na tribuna*. A imagem de que o governo cubano mantém seus ideais de revolução por meio da violência também aparece, quando o sujeito afirma que na outra revolução há *fuzis*.

Ao mesmo tempo, a classificação da revolução como *verdadeira*, no sentido de *grandes proporções* permite a interpretação de que a outra revolução já não tem a mesma amplitude. A refutação sob a forma da denegação, conforme Courtine (2009, p.209), marca a fronteira entre dois processos discursivos antagônicos, como é o caso da negação em Yoani (*tem barbudos/não tem barbudos; tem fuzis/não tem fuzis; tem líder gritando na tribuna; não tem líder gritando na tribuna*). Já no caso da inversão *de grande amplitude/de pequena amplitude* ocorre que a refutação atua exatamente sobre essa fronteira, como explica ainda o autor.

Tais formas de refutação demonstram a presença do linguístico e do ideológico imbricados na existência histórica dos processos discursivos, e são duas formas possíveis do que Courtine chamou de enunciado dividido, que materializam no discurso as formas nas quais o ideológico se manifesta no político. Tais formas se manifestam

como guerra ideológica de *posição*, onde a refutação faz-se “por denegação” (imitar as palavras do outro, opor suas palavras às do outro, lutar palavra por palavra, como se avança passo a passo numa guerra de trincheiras); ou como guerra ideológica de *movimento*, na qual os efeitos polêmicos se produzem “ao inverso” (apoderar-se de palavras do adversário, delas fazer suas próprias palavras e devolvê-las contra ele, lutar tomando o outro ao pé da letra...)” (COURTINE, 2009, p.209)

A transformação da palavra *revolução* e, neste caso, poder-se-ia dizer *revolução socialista*, para *revolução em rede* representa a *apoderação das palavras do adversário* da

qual fala Courtine. Yoani toma um conceito proveniente da FD contrária, apropria-se dele e o *devolve contra ela*.

Essas formas de refutação são indicações do traço material da presença do outro no discurso, “do exterior ao interior de si e que marca com uma rejeição ou uma recusa do outro”; assim, se fronteiras são atribuídas às FDs, elas se passam no interior delas próprias, já que sua existência é representada por uma unidade dividida (COURTINE, 2009, p.209).

Pêcheux (1990, p.17) observa ainda que “toda genealogia das formas do discurso revolucionário supõe primeiramente que se faça retorno aos pontos de resistência e de revolta que se incubam sob a dominação ideológica”. Entre essas formas de resistência, o autor destaca algumas que podem ser identificadas neste *corpus*, como falar quando se exige silêncio; ou desestruturar o léxico jogando com as palavras (tem-se como exemplo *revolução.com*).

O imaginário da/sobre *revolução* para o sujeito do discurso de resistência traz, portanto, sentidos já cristalizados na memória social e coletiva do mundo capitalista, como os *barbudos, fuzis e discursos (líder gritando na tribuna)*. Esta mesma imagem também desloca sentidos, como o da *revolução.com*. O domínio *.com* se referia inicialmente aos operadores comerciais, empresas e, assim como o *.net*, é controlado pela empresa americana Verisign¹⁴. Hoje em dia, qualquer pessoa pode operar domínios na internet e a sigla pode ser usada para a criação de um novo site, o que não significa que a internet seja para todos (a exclusão no meio eletrônico foi discutida na seção *O discurso no ciberespaço*). A *revolução.com* de que fala Yoani inscreve-se, assim, numa lógica de mercado e carrega em si a internet como espaço de inclusão, mas também toda a exclusão que este sistema comporta.

Arendt (1988, p. 34) explica que a palavra *revolução* foi primeiramente um termo da astronomia. Neste uso científico, o vocábulo designaria “o movimento regular, sistemático e cíclico das estrelas [...] que não dependia da influência do homem e que era, portanto, irresistível”. Na política, foi usado metaforicamente, significando “que as poucas formas conhecidas de governo giram entre os mortais em eterna recorrência, e com a mesma força irresistível que faz com que as estrelas sigam suas trajetórias pré-estabelecidas no espaço”. No século XVIII, o termo usado no meio político ainda está próximo de sua originalidade, pois a palavra *revolução* “era usada em relação a um movimento de circulação e de retorno a algum

¹⁴ As informações foram encontradas no site da revista Mundo Estranho. Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/por-que-alguns-enderecos-da-web-sao-net-e-outros-sao-com>>. Acesso em: 20/02/2012

ponto pré-estabelecido, e, conseqüentemente, de retorno a uma ordem pré-determinada”. Este retorno refere-se à chamada Revolução Gloriosa, que expulsou os Stuarts do poder na Inglaterra em 1688.

Foi no decorrer das revoluções do século XVIII, segundo a autora (ARENDRT, 1988, p. 37) “que os homens começaram a tomar consciência de que um novo princípio podia ser um fenômeno político, podia ser a consequência daquilo que os homens tinham feito e que, conscientemente, se dispuseram a fazer”. Ocorre assim, como observa INDURSKY (1997, p.192), uma ruptura semântica no sentido da palavra *revolução*. Este novo sentido é explicitado por Arendt (1988, p. 28):

somente onde ocorre mudança, no sentido de um novo princípio, onde a violência for utilizada para constituir uma forma de governo completamente diferente, para dar origem à formação de um novo corpo político, onde a libertação da opressão almeje, pelo menos, a constituição da liberdade, é que podemos falar em revolução.

As SDs analisadas a seguir trazem mais elementos para a análise do sentido de *revolução* do discurso de resistência, quando o sujeito apresenta as práticas consideradas revolucionárias objetivando a mudança, fazendo uso da violência ou do protesto, buscando a liberdade, a libertação da opressão e constituição de outra forma de governo; todos aspectos mencionados por Arendt, ao tentar definir a questão da *revolução*. As sequências foram retiradas da crônica chamada *Revolução.com* (Sd32), assim como a Sd30 analisada anteriormente; de uma crônica intitulada *Aniversário de nascimento ou de morte?* (Sds 31 e 32), em que Yoani questiona as comemorações pelos 50 anos da Revolução Cubana, tratando-a como uma revolução morta; e outras duas crônicas do mesmo período, que sugerem formas de mobilização popular. Os grifos em todas as Sds são nossos.

Sd31: As **revoluções** não duram meio século [...]. Elas terminam por devorar a si mesmas e por se excretar em **autoritarismo, controle e imobilidade**. Expiram sempre que tentam se tornar **eternas**. Falecem por querer se manter **sem mudanças** (SÁNCHEZ, 2009, p. 163).

Sd32: Neste janeiro, a **defunta faz um novo aniversário**, haverá flores, gritos de viva e canções, mas nada vai conseguir tirá-la do panteão, fazê-la voltar à vida. **Deixem que ela descanse em paz e vamos começar logo um novo ciclo: mais breve, menos retumbante, mais livre** (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 164).

Sd33: Há quem acredite que a destituição de vários funcionários ou a fusão de um par de ministérios são passos reais no caminho da mudança. No entanto, eu sinto que o **desencadeador das**

transformações poderia ser, simplesmente, um **grupo de mulheres cansadas de lavar – todo mês – as compressas usadas no seu ciclo menstrual**” (SÁNCHEZ, op. Cit., p.88).

Sd34: Depois veio meu filho e, entre apagões e frases do tipo “não se desespere”, **compreendi que só ia acontecer o que pudéssemos desencadear nós mesmos.** [...] Não sou mais aquela adolescente medrosa e passiva [...]. **Não estou disposta a aceitar** outro período de palavras de ordem e pratos vazios, de cidade paralisada por falta de combustível e líderes irredutíveis com suas geladeiras cheias [...]. (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 62).

Sd35: Se por um momento esse **muro de controles e proibições** que nos rodeia se materializasse, eu teria o maior prazer de pintar nele um imenso grafite. [...] ou tentaria cavar um túnel em seus duros alicerces. Se nada disso funcionasse, deixaria em sua fria base uma poça de urina abundante e desafiadora (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 70).

Sd36: Os velhos utensílios de cozinha podem se converter – se for o caso – **na cédula que não podemos depositar na urna e na mão que não nos atrevemos a levantar na assembleia.** Qualquer objeto serve, em se tratando de **exigir espaços:** um pano pendurado na sacada, um jornal brandido em público ou uma caçarola repicando junto a outras. Neste Primeiro de Maio, às 20h30, um grande coro metálico de colheres e frigideiras poderia ser nossa voz e dizer aquilo que está engasgado em nossas gargantas. [...] Pelo necessário **“alimento” que é viajar, ir e vir em liberdade,** bem valeria a pena quebrar a baixela inteira (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 89).

Sd37: Aos que me **impuseram** – sem me consultar – essa miragem, quero avisar, desde agora, que não pretendo deixá-la de herança para os meus filhos (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 162).

Sd38: O efeito dessa **revolução tecnológica vai durar mais que cinquenta anos.** Para impedi-la ou controlá-la pouco pode ser feito pelos ministérios, pelos filtros eletrônicos ou pelas promessas de acesso que não se materializam (SÁNCHEZ, op. Cit., p.126).

Têm-se nas SDs apresentadas caracterizações e exemplos do funcionamento da revolução, não a do sujeito do discurso, mas aquela da FD governamental. A Sd 25 traz a imagem do *autoritarismo* e do *controle*, assim como a Sd29, em que o sujeito fala de um *muro de controles e proibições*. Uma revolução e um sistema de governo que teriam sido *impostos*, como mostra a Sd31. A estagnação do projeto revolucionário socialista é outra imagem construída pelo sujeito de resistência, quando menciona, na Sd 25, as revoluções *sem mudanças*, e imóveis. Além disso, o sujeito refere-se a ela como *defunta*, reforçando a ideia de que já não funciona, já não existiria para os cubanos.

Para desencadear uma “nova” revolução, o sujeito menciona práticas já conhecidas de protesto ou mobilização popular – *pano pendurado na sacada, jornal brandido em público, caçarola repicando* (Sd29); *grafite, urina* (Sd30). O discurso de resistência também convoca a mobilização popular, como ao insinuar, na Sd27, que uma possível transformação ou

revolução poderia ser desencadeada por *um grupo de mulheres cansadas de lavar – todo mês – as compressas usadas no seu ciclo menstrual*. Na crônica da qual esta sequência foi extraída, Yoani escreve sobre o drama das mulheres de Pinar Del Río, (cidade cubana, capital da província de mesmo nome), que havia quatro meses não recebiam absorventes higiênicos.

Observa-se, assim, o velho que se reveste do novo, ao mesmo tempo em que os dois se confundem. São as mesmas práticas ou estratégias para uma outra revolução. Ou seja, é o efeito de memória que se manifesta nesta relação entre o interdiscurso e o intradiscursos, no qual essas práticas já existentes retornam na atualidade de uma nova “conjuntura discursiva” (COURTINE, 2009, p. 106). Indursky (2011, p. 86) afirma que não é possível “interpretar uma atualidade sem mobilizar a memória”, já que em uma análise como esta, ressoa o memorável: “são os discursos em circulação, urdidos em linguagem e tramados pelo tecido sócio-histórico, que são retomados, repetidos, regularizados” (INDURSKY, 2011, p.71).

O quadro a seguir permite identificar características e estratégias da revolução nas FDs antagônicas, sempre observando que a revolução socialista cubana, neste processo discursivo, é representada através do imaginário do sujeito do discurso, identificado com uma FD oposta.

Revolução – FD de resistência	Revolução – FD governamental
revolução em rede	revolução socialista cubana
de grande amplitude	de pequena amplitude
horizontal	vertical
de resistência	de força
de colaboração/participação	de controles/proibições
sem permissão	autoritária
livre	Imposta

Ao tratar da revolução possibilitada por meio da técnica e iniciada pela rede mundial de computadores, o sujeito do discurso a denomina como *revolução.com*, termo que poderia ser parafraseado por *revolução em rede*, a qual se oporia à *revolução socialista cubana*. Ao tratar da velocidade e da amplitude da propagação do discurso no ciberespaço, o sujeito traz

também aspectos da revolução da FD oposta, a qual já estaria sem vida, imóvel e impossibilitada de proporcionar mudanças. Por essas características, a revolução socialista se opõe à grande amplitude da revolução em rede propiciada pela internet.

A horizontalidade da revolução em rede é outra característica que contrasta com a verticalidade da revolução socialista cubana. A colaboração e a participação são as marcas da primeira, enquanto a segunda funciona através do controle, das proibições e do autoritarismo. A resistência da revolução em rede ocorre por meio do discurso – mesmo se nele está a incitação de conhecidas práticas revolucionárias, enquanto na revolução socialista estariam presentes a força, a violência e o discurso de ameaça ou intimidação.

A oposição *livre/imposta* parece marcar o grande contraponto entre as duas revoluções no imaginário do sujeito do discurso, e a prática discursiva de resistência, analisada nesta pesquisa, pode ser considerada revolucionária porque, mesmo com todos os mecanismos de controle e proibição, tem uma difusão amplamente maior do que aquela que faz uso da coerção e da força. A revolução em rede vai muito além do corpo que sofre as consequências da violência e da força.

Ao tratar do sujeito contemporâneo, Orlandi (2007, p.13) questiona de que forma “a reiteração da resistência do sujeito ao Estado pode afetar a forma sujeito-histórica”. Trazendo o exemplo da pichação como forma de contestação, a autora observa que este gesto, como outras formas de resistência, pode afetar a individualização do sujeito, mas não sua forma histórica, isso porque para tal, é preciso “que ecoe na história e deixe de ser apenas uma repetição para ser uma ruptura” (ORLANDI, 2007, p.19).

Citando Birman, Orlandi (2011, p.19) fala do sujeito desejanter contemporâneo e dessa sua impossibilidade ou dificuldade em produzir um corte metafórico, sucumbindo à repetição do mesmo. Este parece ser também o caso do sujeito de resistência analisado nesta pesquisa. Ao mesmo tempo em que as características do ciberespaço permitem este amplo alcance da revolução e trazem a novidade no que diz respeito à possibilidade de manifestarem-se e sentirem-se parte de um grupo que compartilha das mesmas ideias, tem-se a repetição das práticas e estratégias de resistência, assim como não há novos ou outros interesses e desejos de mudança, a não ser a adoção de um modelo já existente, como o capitalista. As análises a seguir tratam desta questão.

2.6 Por uma política da boa vizinhança

O conceito de revolução elaborado por Arendt (1988, p. 38) carrega elementos como novidade, começo e violência. Em se tratando de violência, pode-se associar ainda a revolta, a rebelião, ou até a guerra. E se há guerra, é porque existe um inimigo. No caso de Cuba e de seu governo, seu mais conhecido inimigo são os Estados Unidos, país que historicamente lutou contra a implantação do socialismo e do comunismo em todo o mundo, além de impor um embargo econômico, comercial e financeiro a Cuba, desde 1962, o que contribui para as dificuldades econômicas na ilha. Este chamado inimigo se faz presente no discurso de Yoani e aparece tanto como presença do discurso *outro* – ao observar que o governo socialista de Cuba considera os EUA como inimigo e, portanto, deve sempre estar preparado para uma iminente invasão; como ao posicionar-se em relação a esta situação. As Sds desta seção foram retiradas de cinco crônicas que tratam justamente da relação entre Cuba e Estados Unidos e que, de modo geral, enaltecem medidas de flexibilização tomadas pelos EUA em relação à Cuba nos últimos anos e retomam o discurso do governo cubano em relação ao país vizinho.

Este primeiro conjunto de sequências traz os EUA como presença do *outro* no discurso, já que representa a fala e posição do governo no discurso de Yoani.

Sd39: Tenho dificuldade para me lembrar de um único dia desses cinquenta anos passado sem a **advertência** de que **o poderoso vizinho pretende nos invadir** (SÁNCHEZ, 2009, p. 97).

Sd40: Para mim, a voz que emerge dos palanques trouxe mais **intolerância** que concórdia, uma porção maior de **crispação** que de chamados à harmonia. Saídos das tribunas, vi vaticínios de **invasões que nunca chegaram**, planos econômicos que também não se cumpriram [...] (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 138).

Sd41: [...] na minha escola primária, nos contavam que eles tinham ido até **a outra margem para buscar “drogas e perversões”** (SÁNCHEZ, op. Cit., p.92).

Sd42: Na escola do meu filho, um ou outro professor repete que **“Obama é como Bush, porém pintado de negro”** e os cartazes **convocando à luta contra o imperialismo continuam nas ruas** (SÁNCHEZ, op. Cit., p.90).

Observa-se nas sequências apresentadas, através do discurso relatado, a posição do governo cubano em relação aos EUA através do imaginário do sujeito do discurso, sempre preparado para um possível ataque e rechaçando aqueles que fugiam de Cuba para os EUA, ao afirmar que iam em busca de *drogas e perversões*. As expressões *advertência* (Sd39),

intolerância, crispação (Sd40), e *Obama é como Bush, porém pintado de negro* (Sd42) contribuem para produzir a imagem da violência em Cuba, ao passo que a voz compreendida como de resistência por opor-se e contestar as práticas e o discurso do governo cubano se mostra assujeitada a uma formação ideológica capitalista. *Tenho dificuldade para me lembrar de um único dia [...]* (Sd39) e *na minha escola primária, nos contavam* (Sd41) ressoam a ideia da inculcação de algo que não é verdadeiro, mas uma ilusão ou ameaça construída pelos líderes socialistas. Tudo o que neste discurso é silenciado sobre as relações entre Estados Unidos e Cuba, especialmente no que se refere às práticas norte-americanas contribui para esta associação do sujeito de resistência à FD capitalista. A bandeira da *revolução.com* carregada por Yoani, assim, parece identificar-se com a forma-sujeito da FD capitalista.

Nas sequências discursivas a seguir é possível identificar o posicionamento do sujeito do discurso em relação aos EUA, especialmente na pessoa do presidente Barack Obama e suas políticas em relação a Cuba.

Sd43: Para a precária economia doméstica, o dinheiro mandado dos Estados Unidos é oxigênio indispensável para a sobrevivência. Em um país onde tantos cidadãos vivem na outra margem, a notícia dessa flexibilização deveria ser capa em todos os jornais. [...] Porém, a imprensa cubana mal mencionou esse passo positivo dado pelo inquilino da Casa Branca (SÁNCHEZ, 2009, p.100).

Sd44: A nossa Nação é biterritorial, se levarmos em conta a ampla quantidade de compatriotas que vivem na América do Norte. Daí que seria a parte cubana a mais interessada em que as relações fluíssem dos dois lados do estreito da Flórida. Porém, o primeiro passo parece que será dado por Obama, não por Raúl (SÁNCHEZ, op. Cit., p.97).

Sd45: O nervosismo é só daqueles que têm lançado mão do confronto para se manter no poder. Noto, ao contrário, alegria, esperança e a leve impressão de que entre Miami e Havana a distância poderia se tornar menor, um espaço familiar (SÁNCHEZ, op. Cit., p.98).

O elemento revolucionário nesta análise já não seria aquele da violência, da guerra ou dos inimigos, mas refere-se a um novo começo, para lembrar os aspectos relacionados por Arendt (1988). O sujeito posiciona-se a favor das medidas de flexibilização tomadas pelo governo americano em relação aos cubanos que vivem naquele país, ao mesmo tempo em que não tem a mesma expectativa em relação ao governo cubano, quando afirma que *o primeiro passo parece que será dado por Obama, não por Raúl* (Sd44). Além disso, critica a pouca cobertura da imprensa local sobre o fato.

Na Sd43, a concepção de que *o dinheiro mandado dos Estados Unidos é oxigênio indispensável para a sobrevivência* faz parte de um domínio de saber que se constitui no

mundo capitalista, funcionando de modo a regular a vida em Cuba. Para um país de modelo socialista, receber dinheiro dos Estados Unidos significaria “render-se” ao capitalismo. A partir da sequência 44, *Daí que seria a parte cubana a mais interessada em que as relações fluíssem dos dois lados do estreito da Flórida*, é possível perceber uma visão do sujeito identificado com os saberes da FD capitalista. Ainda que esteja inserido no ciberespaço, ao manifestar sua compreensão do papel dos EUA na vida dos cubanos, de que os EUA seriam a fonte da salvação, e ao enunciar que deveriam ser os cubanos os mais interessados no sucesso dessa relação, o sujeito deixa claro que a sua ousadia está em propor alianças jamais concebidas por países socialistas. Esta mesma ideia pode ser verificada na Sd45, quando o sujeito diz que *entre Miami e Havana a distância poderia se tornar menor, um espaço familiar*.

O funcionamento das conjunções *porém* (Sds 43 e 44) e *ao contrário* (Sd45) também revelam essa oposição entre o discurso do sujeito de resistência e aquele do governo cubano. Ao fazer uso do *porém* (Sd43), o sujeito deixa clara sua posição contra o fato da imprensa cubana não dar espaço à notícia de flexibilização de regras para os cubanos que moram nos EUA viajarem até a ilha. Na Sd44, o *porém* funciona reforçando a ideia de que o governo americano estaria disposto a “negociar” uma aproximação, em oposição à atitude do governo cubano. Na Sd45, o sujeito insinua que essa mesma aproximação entre os dois países parece estar próxima, mesmo que deixe desconfortáveis aqueles que estão no poder, reforçando novamente a imagem de violência, pelo uso da palavra *confronto*, situação que se oporia à posição dos cubanos (*ao contrário*), que desejariam reatar ou criar novos laços com o país vizinho.

A análise destes dois últimos conjuntos de sequências discursivas permitiu tratar dos aspectos relacionados à revolução citados por Arendt: *novidade, começo e violência*, possibilitando a identificação das posições-sujeito dentro das FDs antagônicas. Destaca-se, nesta análise, o apagamento de questões como o embargo econômico imposto a Cuba pelos EUA, que agrava muitas das dificuldades vividas na ilha, ao mesmo tempo em que o país norte-americano apoia e financia muitos regimes totalitários em países da África e do Oriente Médio, especialmente devido à dependência do petróleo importado dessas regiões (MOMAYEZI; ROSENBERG, 2011, p. 5). O sujeito do discurso posiciona-se de modo a eximir os Estados Unidos desta responsabilidade, ao mesmo tempo em que constrói uma imagem do país vizinho como um espaço de liberdade, salvação e tolerância. Desse modo, esta não parece ser uma batalha travada entre o velho e o novo, mas simplesmente uma

representação do efeito de novidade trazido pela mudança do discurso do governo americano (Sds 43 e 44) e pela posição tomada pelo sujeito do discurso em análise. O “novo” para o sujeito do discurso chegaria com a implantação do sistema capitalista em Cuba e a restauração das relações entre os dois países vizinhos.

Esta imagem de que a transição do socialismo para a democracia-capitalismo representaria a libertação dos grilhões da ideologia é explicada por Žižek (1996, p.25), que questiona: “mas essa experiência de “libertação”, no decorrer da qual os partidos políticos e a economia de mercado foram percebidos como “não ideológicos”, como o “estado de coisas natural”, não é ideológica por excelência?” O autor observa que o indivíduo não pode reconhecer que está na ideologia, quando submetido a ela. É esta lógica que permite reconhecer o assujeitamento do sujeito de resistência a uma formação discursiva que rechaça o funcionamento do regime socialista em Cuba, ao mesmo tempo em que apoia práticas e valores do discurso capitalista. Por esta regulação de sentidos que funciona dentro de uma FD, o sujeito do discurso revela marcas de sua filiação, ao mesmo tempo em que apaga saberes que a mesma FD não abarca.

No próximo capítulo apresenta-se o segundo conjunto de análises, o qual focará na construção e presença do *outro* no discurso cubano de resistência. Para essa investigação, os processos de designação, determinação e o discurso relatado marcado serviram como base para o exame das sequências discursivas.

3 A PRESENÇA DO *OUTRO* NO DISCURSO CUBANO DE RESISTÊNCIA

*[...] nós, orgulhosos de nossa revolução,
orgulhosos de defender esta revolução dos humildes, não
vacilaremos, frente a quem seja, em defendê-la até nossa
última gota de sangue.*

Fidel Castro

O capítulo anterior ocupou-se em examinar as diferentes representações do sujeito do discurso de resistência, seu posicionamento de contestação através da incisa e do funcionamento do travessão, assim como tratou de analisar a lógica desse discurso através do conceito de revolução e de suas práticas revolucionárias.

Neste capítulo, serão discutidos os aspectos relacionados à heterogeneidade do discurso. A presença do discurso *outro*, sendo ele no *corpus* deste estudo quase que exclusivamente o discurso governamental e de seus porta-vozes, será tratado através da análise dos processos de designação, determinação e da presença do discurso relatado marcado, identificado pelo uso das aspas. As Sds foram extraídas das crônicas, assim como no capítulo anterior, publicadas no blog *Generación Y* no período entre dezembro de 2008 e agosto de 2009 e posteriormente reunidas no livro *De Cuba, com carinho* (2009), e agrupadas neste capítulo conforme a identificação desses três processos.

3.1 As designações para o poder

Considerando-se que o sujeito constitui-se pela ideologia e é afetado pelo inconsciente, a escolha de suas palavras e a “decisão” de referir-se a algo ou alguém, de um certo modo e não de outro, não é feita livremente. A historicidade e as filiações discursivas deste sujeito é que irão determinar tais escolhas. Estas, por conseguinte, deixam pistas, marcas que permitem identificar diferentes posições ocupadas pelos sujeitos nas formações discursivas. Nesta seção, o processo de designação será o suporte teórico para analisar as diferentes formas utilizadas por Yoani Sánchez para designar o governo cubano ou algum de seus líderes, como Fidel Castro e Raúl Castro.

Eduardo Guimarães (2005, p.9) trata da designação como “significação enquanto algo próprio das relações de linguagem, enquanto uma relação linguística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real, enquanto uma relação tomada da história”. Assim, ao tratar da designação sob a ótica da AD não se busca compreender a relação objeto-palavra, a qual geraria um sentido, mas “como as palavras produzem sentidos na história” (DRESCH, 2007, p.33).

Considerando que o político é próprio da divisão que afeta a linguagem materialmente, o autor busca definir também este conceito. Ele diz:

O político, ou a política, é para mim caracterizado pela contradição de uma normatividade que estabelece (desigualmente) uma divisão do real e a afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos. Deste modo, o político é um conflito entre uma divisão normativa e desigual do real e uma redivisão pela qual os desiguais afirmam seu pertencimento. Mais importante ainda para mim é que deste ponto de vista o político é incontornável porque o homem fala. O homem está sempre a assumir a palavra, por mais que esta lhe seja negada (GUIMARÃES, 2005, p.16).

Percebe-se nesta definição a presença constitutiva da contradição – no político e na linguagem. É ela que instala o conflito (ou a diferença) no centro do dizer, como afirma Guimarães (2005, p.17). Dresch (2007, p. 42) observa ainda que falar em designação é “também falar em apagamentos, na medida em que, ao designar, o sujeito promove exclusões, marca posição, interpreta o mundo e sustenta essa interpretação na forma designativa”.

O processo de designação pode ser observado na materialidade linguística por aquilo que Guimarães (2005, p.27) chamou de *reescritura*. Faz-se, neste tipo de análise, uma busca de como um nome aparece referido em um texto, observando como este nome se relaciona com outros nomes, “sob a aparência da substituibilidade”. O conjunto de modos de referir em torno do nome é um modo de determiná-lo, de predicá-lo e é neste sentido que esses conjuntos constituem a designação do nome. Dresch (2007, p. 53) lembra que “as designações somam e reforçam o fio do discurso” e levantando a questão da alteridade, ao tratar da designação sobre o criminoso, observa que rotular o *outro* “é uma forma de evitar o espelho no qual não se quer identificar”; “uma forma de assegurar-se do outro lado”; e uma possibilidade de enfrentamento. No *corpus* em análise nesta pesquisa, o sujeito do discurso também busca a desidentificação, apresenta o outro lado e enfrenta o *outro* designado, já que representa a resistência.

As sequências a seguir trazem designações referentes ao governo cubano e seus líderes. Eles se dividem em abstração, personificação e desvinculação.

3.1.1 - Abstração

Sd46: Embora a **versão oficial** diga que os 138 mastros estão lá para lembrar as vítimas do terrorismo, todos sabemos que cumpriam a missão de tapar – quase em sua totalidade – as declarações que apareciam nas janelas da Sina¹⁵ (SÁNCHEZ, 2009, p. 24).

Sd47: Evidentemente, as medidas tomadas tiveram origem em algum escritório climatizado ‘**lá de cima**’; a esses lhes ocorreu que – às três da tarde – ninguém espera por um documento num lugar onde se aglomeram e suam mais de vinte pessoas¹⁶(SÁNCHEZ, op. Cit., p. 37).

Sd48: Por essa mesma via, milhares de jovens saíram nos últimos meses, depois de perceberem que o anunciado processo de “mudanças” foi outra brincadeira de mau gosto do **poder**¹⁷(SÁNCHEZ, op. Cit., p. 72).

Sd49: Ainda assim, me incomoda ter perdido a notícia e saber – por partes – das mudanças ocorridas **lá em cima**¹⁸ (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 115).

Sd50: Ao contrário de várias gerações que apostavam nesse esbarrão fortuito que os faria dialogar com o **poder**, preferi pensar que nunca o veria em carne e osso (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 30).

Nesta primeira análise, as designações do governo cubano remetem à abstração, ou seja, o sujeito do discurso não se dirige diretamente a nenhum integrante do governo e nem mesmo se utiliza da palavra governo, mas se refere a ele como *o poder* (Sds 48, 50), *lá de/em cima* (Sds 47, 49), *versão oficial* (Sd46). Como se pode perceber, também nas próximas análises, a ausência de um nome próprio, ou até da designação *governo* representa esta construção do discurso de resistência, que além de surgir das formações imaginárias e das posições ocupadas pelo sujeito, também forma-se pela presença do discurso *outro* e pela configuração que recebe no interior de uma dada formação discursiva. Esse apagamento que o sujeito do discurso cria entre *o poder* e *o povo*, presentes nas SDs em análise, cria uma imagem de distanciamento que funciona como estratégia de contestação, já que trabalha com

¹⁵ Sina: Sigla em espanhol da USINT (United States Interests Section).

¹⁶ Sánchez critica o racionamento de energia que, conforme a crônica, atingiu hotéis, repartições públicas, cafés etc. e exigiu o desligamento de aparelhos de ar condicionado como forma de economizar eletricidade.

¹⁷ A via mencionada é a saída definitiva de Cuba por países que não exigem visto aos cubanos.

¹⁸ A notícia diz respeito à substituição de vários ministros e membros do Conselho de Estado, em Cuba.

a ideia de que não há possibilidade de diálogo ou aproximação entre as duas realidades, a não ser por um *esbarrão fortuito* (Sd50). Assim, designações como a deste primeiro grupo, as quais remetem à abstração, buscam reafirmar as fronteiras entre os discursos governamental e de resistência e contestação. As análises revelam que o sujeito resiste e contesta porque parece identificar-se com a formação ideológica capitalista, desse modo, a abstração poderia funcionar justamente como forma de afastamento de uma FD que se identificaria com a formação ideológica governamental cubana.

As Sds revelam também que poder é esse ao qual o sujeito se opõe. Colocando-se em uma posição de vítima, o sujeito do discurso faz refletir a imagem de um poder que representa, como já visto em outras análises, a violência, a perseguição e, como se observa nas últimas Sds, traição, enganação, ou ocultação: *todos sabemos que cumpriam a missão de tapar – quase em sua totalidade – as declarações que apareciam nas janelas da Sina* (Sd46); *o anunciado processo de “mudanças” foi outra brincadeira de mau gosto* (Sd48).

3.1.2 Personificação

Sd51: Daí que a morte pública de **um político** tenha início quando as pessoas deixam de colocar-lhe apelidos; a crise de um ideal fica demonstrada se poucos fazem referência a ele e a propaganda ideológica se debilita quando ninguém repete seus bordões maniqueístas. A linguagem pode validar ou enterrar qualquer ideologia (SÁNCHEZ, 2009, p.19).

Sd52: **Um rosto** tem que aparecer para nos prestar contas de como ficou o fim da permissão para viajar ao exterior [...]. **A mesma voz** que em 2007 declarou que “quem nos dera houvesse um copo de leite ao alcance de todos” deve revelar-nos por que se tornou tão difícil colocar o precioso líquido na boca de nossos filhos. **Esse homem** que fez renascer as ilusões entre muitos de meus compatriotas [...] (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 54).

Sd53: Para mim, **a voz que emerge dos palanques** trouxe mais intolerância que concórdia, uma porção maior de crispação que de chamados à harmonia (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 138).

Sd54: A população cubana é que mudou muito nesse meio tempo: uns morreram, outros emigraram, nos compatriotas da minha geração com seu exótico Y começaram a aparecer os primeiros cabelos brancos, mas na tribuna **o mesmo sobrenome** continuou até agora aferrado ao microfone (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 65).

Sd55: À medida que eu me tornava mais conhecida, os ataques se intensificavam. Até o **Comandante** – disfarçadamente – me daria um primeiro arranhão no prólogo do livro *Fidel, Bolivia y algo más* (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 30).

Sd56: [...] Meu “crime” está situado no futuro, nessa porção do amanhã onde nem **o conhecido autor do prólogo** nem as restrições para sair da Ilha existirão mais. [...] Vejo uma mulher envelhecida que finalmente poderá conhecer os netos e a que ninguém ressarcirá por tantos anos de solidão e angústia. Só me resta sugerir-lhe que não guarde rancor de seus **carcereiros** [...] (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 61).

Sd57: E me nego a acreditar que, depois de ter resistido aos desastrosos planos agrícolas e aos desafortunados cruzamentos genéticos, vamos perdê-la agora. Essa fruta, que conseguiu superar os experimentos do **Grande Agricultor em Chefe**, não pode vir a perecer nas mãos de um par de ciclones (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 85).

Sd58: A bola está com os cubanos desde que Obama a chutou ontem, ao anunciar novas flexibilizações na sua política para o país. **Os jogadores do lado de cá** parecem um tanto confusos, hesitando entre receber o passe, criticá-lo ou simplesmente ignorá-lo (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 91).

Sd59: Apenas um **homem – agonizante** e, portanto, **teimoso** – parece ter a capacidade de decidir a sua saída da prisão. Para esse **ancião que se apaga**, o futuro de Adolfo – livre e vivendo em uma Cuba plural – deve doer mais que as agulhas dos soros e das injeções. Apesar do enorme poder desse **octogenário convalescente**, **ele** não poderá impedir que o neto do humilde professor de inglês o veja somente como **um nome a mais nos livros de história**, como **o caprichoso caudilho** que pôs o seu avô atrás das grades (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 111).

Sd60: Trocar os instrumentos não significa muito se a sinfonia interpretada e o **velho maestro** da orquestra continuam sendo os mesmos (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 115).

Sd61: São pinceladas dadas para fora, pela mão experiente do **falsificador** que com uns retoques aqui e outros ali quer tornar autênticas as supostas mudanças (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 147).

Ao contrário da análise anterior, em que o governo era tratado como abstração, nas sequências discursivas recém-apresentadas observa-se a personificação e a adjetivação. Em nenhuma das Sds, no entanto, o sujeito do discurso se utiliza de nome próprio. Eduardo Guimarães (2005, p.36) afirma que dar nome é “identificar um indivíduo biológico enquanto indivíduo para o Estado e para a sociedade, é tomá-lo como sujeito”. Desse modo, ao não utilizar-se dos nomes Fidel Castro e/ou Raul Castro, o sujeito do discurso busca reforçar o discurso resistente, mostrando que escolhe como designar os líderes cubanos, de forma a não chamá-los pelo nome e, assim, não admitir reconhecê-los como sujeitos diante da sociedade. Esta escolha, como já dito, não ocorre conscientemente e de forma livre, demonstrando o funcionamento da formação discursiva que age sobre o discurso. Observa-se, por exemplo, a presença da ironia: *Comandante* (Sd55), *Grande Agricultor em Chefe* (Sd57); e do resgate de designações que já circulam no imaginário popular não somente de Cuba, mas em muitos

outros países, especialmente por influência da grande mídia. As designações são principalmente relacionadas à avançada idade de Fidel Castro e seu tempo no poder: *homem agonizante, octogenário convalescente, caprichoso caudilho* (Sd59).

3.1.3 Desvinculação

Sd62: Aos que me impuseram – sem me consultar – essa miragem, quero avisar, desde agora, que não pretendo deixá-la de herança para os meus filhos¹⁹ (SÁNCHEZ, 2009, p. 162).

Sd63: Em certos momentos tenho a impressão de que o estilo de vida **a que me obrigam**, com os problemas, as dificuldades e as ineficiências cotidianas, corresponde a uma intenção de não me deixar levantar “voo” [...] (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 162).

Sd64: Quem conduz o leme do meu país prefere aquela pegajosa palavra de ordem ‘Com a OEA ou sem a OEA, venceremos a luta’ que tanto se gritou nos anos 1960 (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 66).

Sd65: Confesso que não quero que me permitam viajar como uma dádiva; sonho, na verdade, que – hoje mesmo, enquanto espero o terceiro ‘não’ – **alguém** saia anunciando que um regulamento tão violador acaba de ser anulado (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 110).

Sd66: Provavelmente não poderá ver os primeiros dentes da criança, por causa da teimosia **daqueles** que o condenaram a 15 anos²⁰ (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 111).

Ao tratar do sujeito representado por *ele* ou *se* no discurso, Indursky (1997, p.78) desenvolve a questão da quarta-pessoa discursiva, quando o sujeito do discurso simula sua ausência da materialidade linguística, produzindo a ilusão “de que o acontecimento discursivo está desvinculado do sujeito que o constrói no discurso”.

As SDs em análise não podem ser exatamente analisadas dessa forma, já que a terceira pessoa está sendo usada para designar o *outro*, o governo cubano e seus representantes. Não é o sujeito que se representa dessa forma. De qualquer maneira, pode-se dizer que o fato de o sujeito designar os integrantes do governo cubano como *aos que me impuseram, a que me obrigam, quem conduz o leme do meu país, alguém, daqueles* apontam para uma necessidade de afastamento entre o sujeito do discurso e o *outro*. A ausência de um nome próprio, assim

¹⁹ A miragem de que fala Yoani é a Cuba atual que, para a *blogueira*, representa uma utopia.

²⁰ Sánchez se refere a Adolfo, preso em Cuba aparentemente por suas opiniões e manifestações escritas, contra o regime.

como nos outros conjuntos de Sds analisados, cria um distanciamento que o nome próprio não possibilitaria. Ou seja, essa distância representa um efeito de sentido do uso da terceira pessoa, assim como no uso da abstração.

Além disso, observando cada uma das sequências, é possível perceber que o uso da terceira pessoa desvincula, desidentifica o sujeito do discurso, mas não torna o *outro* indeterminado – qualquer um. Nas Sds62 e 63, eles são os responsáveis pelos problemas em Cuba: *aos que me impuseram [...] essa miragem; a que me obrigam [...] corresponde a uma intenção de não me deixar levantar “voo”*; Nas Sds64 e 66, eles são os que utilizam palavras de ordem e intolerância para governar: *Quem conduz o leme do meu país prefere aquela pegajosa palavra de ordem; daqueles que o condenaram a 15 anos*. Na Sd65, eles são os que impõem limites para ir e vir: *alguém saia anunciando que um regulamento tão violador acaba de ser anulado*. Desse modo, o sujeito do discurso de resistência mostra daquilo que quer se desvincular e determina sua realidade cubana, através da imagem que cria para seu governo.

3.2 A determinação discursiva

Tratando-se de uma questão não só linguística, mas também filosófica, o processo de determinação pode ser tratado como manifestação da liberdade do sujeito, ao determinar o sentido de alguma palavra, como na visão dos gramáticos - considerando-se a determinação, desse modo, como atribuição de sentido (FUKUE, 2011, p.69); como também se pode observar a determinação através de uma ótica discursiva, identificando-a como uma das formas de assujeitamento na língua.

Em Pêcheux e Fuchs (2010, p.175), os processos de enunciação são considerados como “uma série de determinações sucessivas pelas quais o enunciado se constitui pouco a pouco e que tem por característica colocar o “dito” e em consequência rejeitar o “não dito”. Esta escolha, no entanto, não seria consciente, mas ditada pelo assujeitamento a uma formação discursiva dada, que compele o sujeito a certas escolhas, como consequência de sua interpelação ideológica e atravessamento do inconsciente.

Ao tratar da determinação, Haroche (1992) faz um percurso histórico que se encontra com a história de formação do sujeito e suas formas de assujeitamento. De início, a questão da determinação surge na ligação do sujeito à ordem religiosa e na sua relação de submissão; esta

seria uma primeira forma de assujeitamento. O enfraquecimento da religião e o avanço do aparelho jurídico proporcionam uma fase de transição, denominada pela autora de “fase de determinação institucional pedagógica”, anterior à determinação individual, a qual corresponderia à forma de plena autonomia do sujeito. A noção de determinação individual coincide, historicamente, com a emergência do sujeito político-jurídico e linguístico, que se dá com a aproximação da Revolução Francesa. A palavra *determinar*, no entanto, conforme Haroche (1992, p. 78-79), já existia no século XII com o sentido de *marcar limites*. A “determinação significando *explicação do sentido* do texto não aparece senão pelo século XIV”.

Tal deslocamento do procedimento de determinação, conforme Haroche (1992, p.159), constituiria “a melhor garantia de liberdade e de vontade do sujeito”. Para Indursky (1997, p.178), esta garantia não seria nada mais do que a representação da ilusão necessária ao sujeito. Assim, a determinação não seria o reflexo de sua liberdade, mas, pela formação discursiva que afeta o sujeito, uma seleção que ocorreria ideologicamente, e não uma escolha individual.

Haroche (1992, p.200) observa ainda que em *Vérités de La Palice*, Pêcheux buscou dissociar a questão da determinação e do sujeito, confundidas até então. Segundo a autora, “ele aí mostra que a determinação, longe de encontrar sua origem no sujeito (como postula a tradição), ao contrário, o estrutura de fora, pelo viés dos processos discursivos responsáveis pelo efeito de sustentação e o efeito de pré-construído”. Ocorre então um descentramento da determinação, posicionando-se fora do sujeito. Desse modo, para Haroche, a determinação possibilitaria tratar e verificar a questão do assujeitamento na gramática e na língua.

Este trabalho não tem como objetivo fazer um percurso histórico detalhado dos processos de determinação em seus diferentes âmbitos, mas trata de analisar a determinação discursiva, como base para as análises do *corpus*. Assim, destaca-se dos processos de determinação a visão de que o discurso serve-se de construções formadas em outro lugar, como afirma Indursky (1997, p.178) – o interdiscurso. Para a autora, a determinação discursiva consistiria em saturar o significado de um nome “para qualificá-lo a integrar sequências discursivas afetadas por determinada FD” (INDURSKY, 1997, p.177).

Nas sequências a seguir, o processo de determinação será analisado pela observação de sintagmas nominais presentes nas sequências discursivas em que o substantivo tenha sido saturado por um adjetivo ou que apresentem sintagma preposicional posposto ao nome. As

Sds permitem a análise da posição dos adjetivos em relação ao discurso e os efeitos de sentido produzidos a partir daí.

Sd67: Entretanto, eu faço parte do grupo que nunca sonhou encontrar o **Líder Máximo** na rua (SÁNCHEZ, 2009, p. 30).

Sd68: Eu também acreditei que tinha nascido em uma Ilha privilegiada, sob um sistema social superior, guiada pelo **melhor dos líderes possíveis** (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 45-46).

Sd69: Visualizo toda uma geração cansada de velhas estruturas e desejosa de mudanças, gente – como eu – que deixou de acreditar em **líderes iluminados** que nos guiam como se fôssemos um rebanho (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 58).

Sd70: Seus problemas são tão diferentes, por que haveria de entender os que eu já tive um dia? Demonstra, sem pudor, várias confusões históricas e chama um **falecido líder** pelo apelido de uma cantora de salsa (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 83).²¹

Sd71: Na sala de aula do meu filho, seis fotos do **Líder Verde-Oliva** enfeitam as paredes [...] (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 150).

O item lexical determinado no conjunto de sequências, como se pode observar, foi o substantivo *líder*. As Sds demonstram a presença do pré-construído, já que o sujeito do discurso analisado recorre ao interdiscurso para dirigir-se a Fidel Castro da maneira que o presidente seria tratado ao assumir o posto de presidente, sendo considerado o *líder Máximo* (Sd67), justamente por ser presidente; o *melhor dos líderes possíveis* (Sd68) e um *líder iluminado* (Sd69), como foi construído no imaginário da população que viveu a implantação do novo regime e acompanhou as promessas feitas por este líder; e o *líder verde-oliva* (Sd71) em referência o uniforme da mesma cor usado em todas as aparições públicas do presidente.

Assim, o processo de determinação deste item lexical demonstra que Yoani não criou novos adjetivos ou determinantes para o substantivo *líder*, mas resgata do interdiscurso as expressões utilizadas. Tal estratégia permite ao leitor reconhecer, de imediato, a quem ela se refere, sem fazer uso do nome Fidel Castro, o qual aparece praticamente ausente de seu discurso. É possível perceber, como explica Indursky (2011, p.87), como uma FD “é regulada por uma memória coletiva, social”, da ordem do “todos sabem, todos lembram”. A memória

²¹ Nesta crônica, Yoani imagina como estaria vivendo seu neto em Cuba no futuro e, na SD em análise, é a ele que se refere.

discursiva, no entanto, não sendo saturada, plena, é da ordem do ideológico, fazendo com que nem todos os sentidos sejam autorizados em uma determinada FD. Desse modo, o uso do substantivo *líder* e de seus determinantes é feito por um sujeito afetado ideologicamente por uma FD específica, que resgata ao mesmo tempo “ecos” da memória coletiva e social, como da memória discursiva, que seleciona o que pode e deve ser dito dentro de uma FD.

Ainda de acordo com Indursky (1997, p. 181), “a determinação discursiva tem por efeito produzir um sentido coerente com o quadro ideológico a que tais sequências estão vinculadas”. Neste processo, a determinação pode funcionar com o objetivo de desconstruir a imagem do sujeito vindo de uma FD contrária. Assim, a saturação do nome se faz positivamente, para depois desconstruir tal imagem de forma negativa (INDURSKY, 1997, 185). Este deslocamento para uma outra FD pode produzir, entre outros efeitos, aquele da ironia, como é o caso do *corpus* em análise. As SDs analisadas anteriormente trazem de forma irônica a determinação positiva do substantivo *líder*, criando, ao mesmo tempo, sua imagem negativa.

O conjunto de Sds a seguir apresenta itens lexicais que se relacionam pelo conceito da paráfrase, observando-se os efeitos de sentido decorrentes de determinantes que têm ligação com os adjetivos *alternativo* e *ilegal*.

Sd72: Entretanto, poucos dias depois aluguei uma cópia com legendas em espanhol através das **redes alternativas de distribuição**²² (SÁNCHEZ, 2009, p.45).

Sd73: Nós, cubanos estamos esperando que uma mão generosa pirateie o documentário e o faça circular nas **redes alternativas de informação**²³ (SÁNCHEZ, op. Cit., p.74).

Sd74: Quando anunciaram que Raúl Castro permitiria a venda de computadores a cubanos, esse **técnico alternativo** ficou contente por não ter que esperar tanto (SÁNCHEZ, op. Cit., p.80).

Sd75: Passei dois dias sem acessar a internet porque um novo obstáculo surgiu no caminho dos **blogueiros alternativos** (SÁNCHEZ, op. Cit., p.82).

Sd76: Só queria, junto com o meu agradecimento infinito, pedir a eles, por favor, um pouco de vista grossa com os **vendedores ilegais** (SÁNCHEZ, op. Cit., p.121).

²² Yoani Sánchez se refere ao filme alemão *La Ola (A Onda)*, que não conseguiu assistir durante a mostra de cinema alemão em Cuba.

²³ O documentário, segundo Yoani, tem como tema “a defenestração de Carlos Lage e Felipe Pérez Roque, os mais recentes caçulas devorados pelo poder. (...) Todos cochicham sobre as cenas em que os dois ex-funcionários dizem disparates da geração no poder (...)” (SÁNCHEZ, 2009, p.74)

Sd77: Apesar de a polícia rastrear esses **distribuidores ilegais**, ela consegue fazer muito pouco, dado o crescente número de pessoas que cometem o mesmo delito (SÁNCHEZ, op. Cit., p.124).

Sd78: O prolongado ataque contra o **mercado informal**, produto da crise deixado pelos furacões, estrangulou os vendedores de alimentos (SÁNCHEZ, op. Cit., p.129).

Sd79: Daí que quando alguém reprova o seu trabalho de **vendedor ilícito**, ele esclarece que só provê aquilo que o Estado não oferece ou oferece a preços proibitivos (SÁNCHEZ, op. Cit., p.145).

Sd80: Pertence a essa geração que viu os seus pais roubando do Estado, cresceu com o **mercado negro** e ensinou para os seus filhos o impiedoso código de tomar tudo que estiver ao seu alcance. (SÁNCHEZ, op. Cit., p.145).

Neste grupo de sequências, os itens lexicais e os determinantes não são os mesmos, mas se aproximam pelo que Pêcheux e Fuchs (2010, p.167) chamaram de *família parafrástica*. Para os autores, a produção de sentido se dá justamente através da relação de paráfrase entre as sequências discursivas que constituiriam uma *matriz de sentido*. “Isto equivale a dizer que é a partir da relação no interior desta família que se constitui o efeito de sentido, assim como a relação a um referente que implique este efeito.” Na compreensão de Serrani (1993, p.119), as paráfrases “ressoam significativamente na verticalidade do discurso e se concretizam na horizontalidade da cadeia, através de diferentes realizações linguísticas”. Para a autora, existe um funcionamento parafrástico quando é possível estabelecer uma “ressonância - interdiscursiva – de significação, que tende a construir a realidade (imaginária) de um sentido”. A paráfrase pode ser observada, portanto, em um nível interdiscursivo, pois para a observação dos seus efeitos devem ser colocados em jogo “discursos-outros, como espaços virtuais de leitura do enunciado ou sequência discursiva” (SERRANI, 1993, p.119).

A partir daí, pode-se observar as Sds em análise divididas em duas famílias parafrásticas, da primeira fazem parte: *redes alternativas de distribuição* (Sd72), *redes alternativas de informação* (Sd73), *técnico alternativo* (Sd74) e *blogueiros alternativos* (Sd75). Nestas sequências, a ilegalidade relacionada à pirataria, instalação de antenas parabólicas e uso da internet sem permissão são comportamentos tratados como *alternativos*. Todos eles relacionados, de certo modo, à censura. Já quando Yoani se refere ao comportamento ligado ao comércio de produtos proibidos, importação dos mesmos, etc., ela faz referência direta à ilegalidade: *vendedores ilegais* (Sd76), *distribuidores ilegais* (Sd77), *mercado informal* (Sd78), *vendedor ilícito* (Sd79) e *mercado negro* (Sd80).

Indursky (1997, p.182) observa que a saturação discursiva possibilita que as sequências se contraponham “a um conjunto de enunciados que circulam no interdiscurso”. Desse modo, o uso do substantivo *alternativo* livra o sujeito da responsabilidade moral de estar cometendo uma infração, um erro – o que não acontece quando se faz uso dos substantivos *ilegal* ou *ilícito*, por exemplo. Vê-se, assim, uma tomada de posição do sujeito do discurso, ao considerar que burlar a censura no que diz respeito à circulação de informação e possibilidade de manifestação pessoal não seria moralmente reprovado como a comercialização de produtos proibidos pelo Estado.

3.3 A delimitação da presença do *outro*

Considerando-se que o discurso nunca é novo, mas está sempre *já-lá* e carrega em si outros discursos, sua heterogeneidade é admitida e a possibilidade de identificar a presença do discurso *outro* nos enunciados do sujeito se faz possível. São os pré-construídos, inseridos no intradiscurso, que “provocam o esquecimento de sua incorporação e produzem o efeito de ali se originarem” (INDURSKY, 1997, p.196). Tal esquecimento, conforme Indursky, cria uma outra ilusão a qual permite que o discurso tenha um efeito homogêneo, conferindo-lhe o efeito de coerência discursiva. A análise, no entanto, permite que esta aparente homogeneidade seja rompida, revelando a heterogeneidade fundante (INDURSKY, 1997, p.197) do discurso.

Authier (2004) trata da heterogeneidade constitutiva, aquela que caracteriza todo e qualquer discurso, indo além da heterogeneidade marcada, identificável linguisticamente no fio do discurso. Para a autora, não há uma ultrapassagem de um estágio a outro, mas a consideração de que a heterogeneidade constitutiva serve de “ancoragem no exterior do linguístico” para a presença do *outro* no discurso. Para tanto, ela se apoia no dialogismo do círculo de Bakhtin, destacando a questão da saturação da linguagem levantada pelo estudioso. Tal saturação, que segundo Authier constitui uma teoria da produção do sentido e do discurso, funciona como um “centro exterior constitutivo, aquele do já dito, com o que se tece, inevitavelmente, a trama mesma do discurso” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.27). O tratamento do discurso como produto do interdiscurso, como também lembra a autora, desenvolveu-se em trabalhos dedicados ao discurso e à análise do discurso, citando Foucault, Althusser e Pêcheux. Ela faz uso da noção de pré-construído como um exemplo da problemática do *outro*

no discurso, o qual pode ser recuperado na sequência discursiva (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.27-28).

A psicanálise é outra teoria em que Authier baseia seus estudos. A visão freudiana e lacaniana de um sujeito dividido e constituído pela linguagem permite a compreensão de um discurso também atravessado por outros discursos, já que produzido por um sujeito que apenas tem a ilusão de centro, de unicidade, e que por ser atravessado pelo inconsciente, constitui-se clivado, descentrado, barrado. O sujeito autônomo consiste, assim, em uma ilusão necessária, que apaga as divisões que o constituem (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 28-29). Na afirmação de que o sujeito e seu discurso são atravessados pelo inconsciente e isto faz parte de sua constituição, reencontram-se, segundo Authier (1990, p.29), “as concepções do discurso, da ideologia, e do inconsciente, que as teorias da enunciação não podem, sem risco para a linguística, esquecer”.

A noção de memória discursiva introduzida por Courtine (2009) também serve de ancoragem quando se trata da presença do *outro* no discurso. Segundo o autor, “toda produção discursiva que se efetua nas condições determinadas de uma conjuntura movimenta – *faz circular* – formulações anteriores, já enunciadas” (COURTINE, 2009, p.104). Esta noção permite a identificação do discurso *outro* quando ele não deixa rastros, já que, conforme Pêcheux (2008, p.55), tal discurso é uma presença virtual na materialidade da sequência discursiva; é “a insistência do outro como lei do espaço social e da memória histórica, logo como o próprio princípio do real sócio-histórico”.

É no interdiscurso, como observa Cazarin (2006, p. 307) que o sujeito vai buscar os objetos que incorpora no intradiscurso. E a presença de pré-construídos provenientes desse espaço pode ser velada, não apresentando nenhuma pista aparente, como pode ser marcada. Desse modo, uma das formas de analisar a heterogeneidade do discurso é o exame do discurso relatado, “como forma de apreensão da fala do *outro*” (INDURSKY, 1997, p. 198).

As formas de discurso relatado são relacionadas por Bakhtin (1995) como discurso direto, também tratado como discurso relatado marcado (DRM), discurso indireto, ou discurso relatado indireto formal (DRIF) e discurso indireto livre, ou discurso relatado indireto informal (DRII). Sob essas modalidades, segundo Authier (2004, p.12), o locutor cede lugar ao discurso do *outro* em seu próprio discurso de forma explícita. Isto ocorre de modo que:

no discurso indireto, o locutor se comporta como tradutor: fazendo uso de suas próprias palavras, ele remete a um outro como fonte do “sentido” dos propósitos que ele relata. No discurso direto, são as próprias palavras do outro que ocupam o tempo – ou o espaço – claramente recortando a citação na frase; o locutor se apresenta como simples “porta-voz” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 12).

No *corpus* desta pesquisa serão analisadas sequências discursivas nas quais se verificou a presença do discurso *outro* através do discurso relatado marcado (DRM), caracterizado pela citação de palavras, expressões e enunciados entre aspas. Buscam-se nesta análise as marcas do pré-construído, daquilo que o sujeito do discurso de resistência resgatou em outro lugar, no espaço da memória discursiva – *esburacada, lacunar* (INDURSKY, 2011, p.87-88) – e que representa a regulação de suas escolhas dentro de uma FD.

O primeiro grupo de SDs revela que o sujeito faz uso das aspas para delimitar a fala do *outro* inserida em seu próprio discurso. Observem-se as sequências a seguir:

Sd81: Talvez ocorra rondar os hotéis, disposta a pedir aos estrangeiros que comprem – para mim – essa chave de acesso que me é negada, esse salvo-conduto para o qual necessito “**não ser cubana**”²⁴ (SÁNCHEZ, 2009, p. 82).

Sd82: Uma intimação chegou a minha casa e, numa sórdida delegacia de polícia, me advertiram que eu “**tinha ultrapassado todos os limites**” (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 31).

Sd83: Para improvisar, baixar ordens de cima, chamar à disciplina e ao controle, dizer obviedades do tipo “**é preciso trabalhar a terra**” e continuar anunciando prazos que não se cumprem, não é necessário se reunir, chegar a acordos, nem se encontrar para acatar as demandas populares (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 22).

Sd84: A mesma voz que em 2007 declarou que “**quem nos dera houvesse um copo de leite ao alcance de todos**” deve revelar-nos por que se tornou tão difícil colocar o precioso líquido na boca de nossos filhos (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 54).

Sd85: Quem conduz o leme do meu país prefere aquela pegajosa palavra de ordem “**Com a OEA ou sem a OEA, venceremos a luta**” que tanto se gritou nos anos 1960²⁵ (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 66).

Sd86: A melhor réplica, quando me acusou de “**receber prêmios que movem as águas dos moinhos do imperialismo**”, foi deixar claro, com minha indiferença, que ele tinha deixado de ser importante par mim (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 30).

²⁴ Yoani Sánchez se refere à exigência de comprovação de que o indivíduo não seja cubano para acessar a internet em alguns hotéis da ilha.

²⁵ Em 1962, Cuba foi expulsa da Organização dos Estados Americanos (OEA).

Sd87: [...] para que nos deixem navegar na internet sem páginas bloqueadas ou para que nos microfones abertos possamos dizer a palavra “liberdade” e não sermos acusados – por isso – de fazer “**uma provocação contrarrevolucionária**” (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 92).

Sd88: O desejo de João Paulo II de que “**Cuba se abra para o mundo, o mundo se abra para Cuba**” estaria a ponto de realizar-se, se não fosse pela primeira parte da frase; parece que por aí não se vai avançar (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 66).

O uso das aspas nas sequências em análise demonstra o desejo, como já dito anteriormente, de delimitar o discurso do *outro*, indicando a discordância do sujeito em relação a ele, exceto na Sd43. Indursky (1997, p.200), ao basear-se em Authier, diz que é por discordar do discurso *outro* que o sujeito necessita mantê-lo à distância. As aspas funcionariam, assim, “para assinalar a recusa, a rejeição do que está sendo incorporado”. Authier (1990, p.31) afirma que as marcas de distância, caracterizadas neste caso pelas aspas, são profundamente reveladoras do discurso, já que essas escolhas mostram “de que outro é preciso se defender, a que outros é preciso recorrer para se constituir”.

Acompanhadas das citações entre aspas, as SDs apresentam vocábulos do tipo *pegajosa* (Sd85), *sórdida* (Sd82), *acusou* (Sd86), *acusados* (Sd87), *advertiram* (Sd82), *negada* (Sd81), *obviedades* (Sd83) que enfatizam a divergência entre posições-sujeito de formações discursivas antagônicas. No caso da Sd88, a presença da conjunção *se* funciona também como marca de heterogeneidade linguística, já que põe em oposição diferentes “verdades”, como explica Cazarin (2002, p. 35). O sujeito do discurso não se opõe ao DRM entre aspas, mas revela outro distanciamento ao utilizar-se da conjunção *se*. A fórmula nesta sequência poderia ser representada por *se x, y*. Como *x* (*Cuba se abra para o mundo*) é colocado em dúvida por *Yoani*, *y* não acontecerá (*o mundo se abra para Cuba*), revelando novamente o antagonismo de posições discursivas.

Já nas sequências analisadas a seguir, as aspas são utilizadas não para o destaque de enunciados completos ou parte deles, mas expressões, vocábulos provenientes de outro lugar, de uma formação discursiva com a qual o sujeito não se identifica e por isso mesmo, continua a manter distância através das aspas.

Sd89: Uma sociedade cheia de diques e controles é especialmente suscetível a essa gripe blogueira, sobretudo se a vacina contra ela se baseia nos desgastados métodos de outrora: a difamação, as acusações de que somos fabricados pela CIA e a tentativa de fazer parecer que não somos parte do “**povo**” (SÁNCHEZ, 2009, p. 28- 29).

Sd90: Não vão seguir o caminho que os mais velhos traçaram e – por sorte – não se encaixam de jeito nenhum no ideal do “**homem novo**”²⁶ (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 158).

Sd91: Durante anos, dirigir-se a outra pessoa de modo distinto da etiqueta ditada pelo Partido, podia ser entendido como um desviado ideológico. Todos éramos “**iguais**” [...] (SÁNCHEZ, op. Cit., p. 20).

Sd92: Viver em moradias estudantis cria essa sensação de que toda a sua vida, as suas intimidades, os seus objetos pessoais e até a sua nudez passaram a ser bens públicos. “**Compartilhar**” é palavra obrigatória.²⁷ (SÁNCHEZ, 2009, p. 112)

Sd93: Não eram “**ários**” os que nos governavam, mas se autoproclamavam “**revolucionários**” e isso parecia ser um estágio mais evoluído – o degrau mais alto – do desenvolvimento humano. (SÁNCHEZ, 2009, p. 46)

Sd94: Meu “**crime**” está situado no futuro, nessa porção do amanhã onde nem o conhecido autor do prólogo nem as restrições para sair da Ilha existirão mais. (SÁNCHEZ, 2009, p. 61)

Nas sequências desta análise, assim como na anterior, os autores do discurso relatado não são revelados, mas é novamente através da memória discursiva que o sujeito insere tais expressões em seu próprio discurso, resgatadas do interdiscurso. É o chamado efeito de memória (COURTINE, 1009, p. 6) que permite tal associação. Segundo ele,

é, então, exatamente, a relação entre interdiscurso e intradiscurso que se apresenta neste particular efeito discursivo, por ocasião do qual uma formulação-origem retorna na atualidade de uma “conjuntura discursiva”, e que designamos como efeito de memória.

Assim, vocábulos como *homem novo* (Sd90), *iguais* (Sd91), *compartilhar* (Sd92), *revolucionários* (Sd93), remetem ao discurso revolucionário de implantação e solidificação do socialismo em Cuba; enquanto *povo* (Sd89) e *crime* (Sd94), neste caso, se referem a acusações feitas pelo governo, declarando ou insinuando que Yoani não seria parte do povo e estaria cometendo um crime por manifestar-se contra o regime socialista cubano. A palavra *povo* também merece ser analisada, já que na formação discursiva com a qual se identifica o governo cubano e seus porta-vozes, ela parece significar: aqueles que apoiam o regime.

²⁶ Yoani Sánchez fala dos jovens que vê nos dias de hoje em Cuba.

²⁷ As moradias estudantis de que fala a blogueira foram frequentadas por ela durante o curso pré-universitário no campo. As escolas foram implantadas pelo governo cubano nas zonas rurais vinculando o estudo ao trabalho, em regime de internato. No período letivo de 2009-2010, o Ministério da Educação implantou um profundo plano de transformações na educação cubana (LOPES, 2011, p.67), período em que a maioria dos cursos pré-universitários da zona rural foi fechada, conforme Yoani.

Assim, não se identificando com esta posição-sujeito, Yoani não é parte do povo. Nesta mesma sequência discursiva verifica-se ainda a presença do discurso relatado indireto informal (DRII) quando Yoani menciona as *acusações de que somos fabricados pela CIA* (Sd89).

Ainda na Sd93 verifica-se o resgate da palavra *ário*, proveniente não da mesma formação discursiva, mas que remete à tese de que a raça ariana, correspondente aos povos europeus de etnia branca-caucasiana, seria considerada diferenciada e superior. Esta mesma tese, como se sabe, foi adotada e exaltada pelo nazismo. A sequência permite a leitura de uma possível comparação entre arianos e revolucionários, ambos representando algum tipo de evolução humana.

A indicação da presença do *outro* no discurso, nestas análises, representada através do discurso relatado e das aspas, demonstra o desejo do sujeito de apresentar-se como dono e origem de seu dizer. Indursky (1997, p.212) observa, no entanto, que “demarcar o que advém do discurso alheio equivale a mascarar o fato de que todo o discurso é constitutivamente heterogêneo sempre”. No discurso relatado ocorre o apagamento das condições de produção iniciais, entre outros apagamentos; tais perdas, maiores ou menores, dependendo da modalidade do discurso relatado, encontram equilíbrio na articulação entre o interdiscurso e o intradiscurso, produzindo o efeito de homogeneidade almejado pelo sujeito do discurso. (INDURSKY, 1997, p. 209)

A análise do discurso *outro* presente do discurso do sujeito de resistência revelou essa luta entre o velho e o novo. O velho, representado pelos ideais socialistas e seus líderes, está construído no imaginário do sujeito do discurso como ultrapassado, enquanto o novo insere-se na realidade da *Geração Y*, aquela apresentada na introdução deste trabalho, da qual fazem parte os indivíduos imersos na tecnologia. Observa-se, assim, uma ilusão do novo, criada pelo sujeito de resistência através de sua plataforma de protesto, mas que faz ressoar simplesmente o desejo de um sujeito contemporâneo, que não quer ficar de fora da realidade globalizada de um mundo que funciona sob a lógica do mercado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se, comumente, que os processos de exame e análise de uma pesquisa cheguem a uma conclusão ou a considerações que devam apresentar qualquer tipo de arremate ou fechamento. Esta é a intenção desta seção, com a ressalva, no entanto, de que o fechamento represente apenas um efeito – necessário para quem escreve e para quem lê.

A Análise do Discurso trabalha com um *corpus* sempre em construção e toma o discurso como processo. Sendo assim, não seria possível falar em conclusão, assim como as análises presentes nesta pesquisa não são consideradas exaustivas. O gesto de interpretação através do qual o analista do discurso desenvolve sua investigação permite inúmeros olhares e ângulos sob um mesmo processo discursivo.

Foi este gesto que permitiu o exame das crônicas da cubana Yoani Sánchez publicadas no *blog Generación Y* como parte de um discurso de resistência no ciberespaço, ao discordar das práticas e do discurso do governo socialista de Cuba, divulgadas em tom de denúncia e desaprovação.

Considerando-se a exterioridade como parte constituinte da língua e sua importância para a análise dos processos discursivos imbricados nos processos sócio-históricos, o primeiro capítulo foi dedicado ao funcionamento da ideologia e à observação da presença da resistência na língua e no discurso, procurando mostrar a presença da memória, do imaginário, enfim, da história e do sujeito no funcionamento da linguagem.

O segundo capítulo deu início às análises, sem antes tratar do funcionamento do ciberespaço, materialidade do discurso cubano de resistência. A discussão permitiu compreender o ciberespaço como determinado historicamente por uma formação social, lugar onde o empírico, representando o que pode e deve ser dito, interfere no discursivo.

O funcionamento do discurso de resistência foi analisado primeiramente através das formações imaginárias do sujeito do discurso. As imagens de excluída, incluída e integrante de um grupo e cidadã responsável, permitiram observar os efeitos de sentidos produzidos pelo discurso. Ao ser excluído, por um certo grupo, o sujeito é, ao mesmo tempo, incluído por outro – consequências do discurso de resistência que causa distanciamento e medo em alguns,

e o apoio e suporte de outros. A imagem de cidadã representa o modo como o sujeito se vê e deseja ser visto pelos outros. O estudo do travessão e da incisa permitiu delinear ainda mais o discurso de resistência, já que, ao serem considerados espaços de manifestação e interpretação do sujeito, reforçaram a posição contestadora do sujeito em relação às práticas da FD governamental.

O conceito de revolução e a confrontação das práticas revolucionárias mostraram que o discurso de resistência pode ser considerado também revolucionário, como sustenta o sujeito do discurso, sob o aspecto da propagação. Apesar da coerção, do controle e das proibições, o discurso de resistência tem um alcance muito maior do que o discurso socialista cubano, que tem como estratégias o controle, a intimidação e o autoritarismo, que se opõem à colaboração e à horizontalidade do discurso revolucionário em rede.

O terceiro capítulo foi dedicado à análise da presença do *outro* no discurso de resistência, representado quase que totalmente pelo governo cubano e seus líderes. Através do processo de designação foi possível observar o desejo de distanciamento entre o sujeito do discurso e o *outro*. A ausência do uso de nomes próprios também representou o não reconhecimento do *outro* como sujeito. As análises sobre a determinação mostraram o trabalho de desconstrução da imagem do *outro*, assim como de certas práticas. Por fim, o uso das aspas e do discurso relatado marcado representaram o desejo de demarcação da fala do *outro*, o que significa, assim como nas análises designativas, a busca do distanciamento entre a fala do sujeito do discurso e a fala do sujeito da FD antagônica.

Retomando as questões apresentadas no início deste percurso, sobre como funciona o discurso de resistência e quais são as marcas deixadas por ele, suas estratégias e práticas no ciberespaço, como o discurso *outro* é representado no discurso de resistência e quais são os efeitos de sentido produzidos dessa representação, pode-se dizer que o discurso cubano de resistência na internet apoia-se no discurso da formação discursiva a que se opõe, para então desconstruí-lo e a ele contestar e resistir. O discurso governamental socialista cubano serve de base para a resistência e a presença de pré-construídos, assim como a observação do funcionamento da memória discursiva no intradiscurso permitem essa afirmação. A revolução em rede pode ser considerada uma nova prática, ao mesmo tempo em que, no discurso, retoma estratégias bastante comuns entre os revolucionários. Sua bandeira não parece ser uma novidade e a escolha dos aliados assim como seus ideais de sociedade são prova disto. Tem-se, portanto, a construção de um imaginário de mudanças e transformações que remetem ao discurso de liberdade, igualdade, prosperidade etc., promessas do mundo capitalista. Assim

como aquilo que o sujeito diz permite esta análise, aquilo que foi apagado do seu discurso também contribuiu para a construção dessa imagem.

Desse modo, o discurso cubano de resistência na internet reveste-se do novo através de práticas que se permitem no ciberespaço, ao mesmo tempo, seu caráter revolucionário carrega antigas lutas e incita as mesmas estratégias de conquista. As marcas do discurso, em sua relação com o sujeito e a história, revelam que o novo pode se revestir do velho, assim como o mesmo se reveste do diferente, quando o sujeito inquieto contesta e resiste, e sendo um ser assujeitado, também aceita e se conforma.

No prefácio da edição brasileira do livro *Semântica e Discurso*, Eni Orlandi resume o que aprendeu com Pêcheux e que, parece, representa bem a ilusão de fechamento deste trabalho: “Aprendi com ele um modo de pensar a linguagem que me permitiu compreender que a reflexão nunca é fria: lugar de emoção, de debate, de opressão, mas também de resistência”.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. São Paulo: Graal, 2010.
- ARENDDT, Hanna. *Da Revolução*. Brasília: Ática & UNB, 1988.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). In: *Caderno de Estudos Linguísticos* 19:25-42, Campinas, jul./dez. 1990.
- _____. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2009.
- BELLO, Andrés. *Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos*. Madrid: Ediplesa, 1980.
- CAZARIN, Ercília Ana. Da polifonia de Ducrot à heterogeneidade na Análise do Discurso. In: *Formas de Linguagem*, nº 2, p. 15-38, abr./jun. 2002.
- _____. A leitura: uma prática discursiva. In: *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, v.6, 2: 299-313, Tubarão, mai./ago. 2006.
- COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2009.
- _____. *Metamorfoses do discurso político: Derivas da fala pública*. São Carlos: Claraluz, 2006.
- DE NARDI, Fabiele Stockmans. Entre a lembrança e o esquecimento: os trabalhos da memória na relação com língua e discurso. *Organon*, v. 23, p. 65-83, Porto Alegre, 2003.
- DRESCH, Márcia. *A voz que nos incomoda: uma análise do discurso do réu*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

FUKUE, Mário Rafael Yudi. *De um polo a outro: análise de discursividades sobre transtorno afetivo bipolar em espaços eletrônicos*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2011.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. *A Língua Inatingível: o discurso na história da Linguística*. Campinas: Pontes, 2004.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

GRANTHAM, Marilei Resmini. *Da releitura à escritura: um estudo da leitura pelo viés da pontuação*. Campinas: RG, 2009.

GRIGOLETTO, Evandra. O discurso nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem: entre a interação e a interlocução. In: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele S.; SCHONS, Carme (org) *Discursos em Rede: Práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço*. Recife: Coleção & Letras, 2011.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do Acontecimento*. Campinas: Pontes, 2005.

HAROCHE, Claudine. *Fazer dizer, querer dizer*. São Paulo: Hucitec, 1992.

INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e outras vozes*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. Da interpelação à falha no ritual: a trajetória teórica da noção de formação discursiva. In: BARONAS, Roberto Leiser (org) *Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2007.

_____. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina (org) *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. *Da ambiguidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.

_____. O caráter singular da língua na Análise do Discurso. In: *Organon*, 35: 189-200, 2003.

_____. A língua da análise de discurso: esse estranho objeto de desejo. In: INDURSKY, Freda; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina (org) *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz, 2005.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LISBOA, Noeli. Nos liames entre o ser e o sujeito: a escritura de Clarice Lispector. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília (org) *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

LOPEZ, Margarita Quintero. A educação em Cuba: seus fundamentos e desafios. *Estud. av.* [online] v.25, 72:55-72, São Paulo, 2011.

MARIANI, Bethania. Subjetividade e imaginário linguístico. In: *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, v.3, n.esp.:55-72, Tubarão, 2003.

MARX & ENGELS. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Martin Claret, 2009.

MITTMANN, Solange. Tradução: uma questão de discurso, de língua e de equívoco. In: *Artexto*, v.12, p.95-108, Rio Grande, 2001.

_____. Redes de ressignificações no ciberespaço. In: *Discurso midiático: sentidos de memória e arquivo*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.

_____. Alguns apontamentos sobre militância digital. In: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele S; SCHONS, Carme R. (org) *Discursos em rede: Práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço*. Recife: Coleção & Letras, 2011.

MOMAYEZI, Nasser; ROSEMBURG, R.B. Oil, the Middle East and U.S. National Security. In: *International Journal of Humanities and Social Science*. [online] v.1, 10:01-07, USA, ago/2011.

ORLANDI, Eni. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 3ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

_____. Exterioridade e ideologia. In: *Caderno de Estudos Linguísticos*, 30: 27-30, jan./jun. 1996.

_____. (org) *A Leitura e os Leitores*. Campinas: Pontes, 1998.

_____. *Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos*. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2005.

_____. O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo. In: INDURSKY, Freda; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. *Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007.

_____. *Língua Brasileira e Outras Histórias: Discurso sobre a língua e ensino no Brasil*. Campinas: RG, 2009.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, Inversões, Deslocamentos. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. 19: 7-24, 1990.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre, et al. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 5ª ed. Campinas: Pontes, 2008.

_____. *Semântica e Discurso*. Campinas: Unicamp, 2009.

_____. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET & HAK (org) *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Unicamp, 2010.

_____. *Análise de Discurso*. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2011.

PÊCHEUX, Michel & FUCHS, Cathérine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET & HAK (org) *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Unicamp, 2010.

PESSOA, Fernando. *Ficções do interlúdio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PRENSKY, Marc. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com>>. Acesso em: 16/02/2012.

REVISTA *Mundo Estranho*. Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/porque-alguns-enderecos-da-web-sao-net-e-outros-sao-com>>. Acesso em: 20/02/2012.

SÁNCHEZ, Yoani. *De Cuba com carinho*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. *Entrevista concedida por Yoani Sánchez ao jornalista francês e professor da Universidade de Sorbonne, Salim Lamrani*. Disponível em: <<http://agencianota.blogspot.com/2012/02/entrevista-com-yoani-sanchez-por-salim.html>>. Acesso em: 15/02/2012

_____. Blogue. Disponível em: < <http://www.desdecuba.com/generaciony>>. Aceso em: 19/02/2012

SCHONS, Carme. *Saberes anarquistas: reiteraões, heterogeneidades e rupturas*. Passo Fundo: UPF, 2000.

_____. *“Adoráveis” revolucionários: produção e circulação de práticas político-discursivas no Brasil da Primeira República*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SÉRIOT, Patrick. Amnésia da língua russa e a busca de identidade na Rússia. In: INDURSKY, Freda; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina (org) *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.

SERRANI, Silvana. Ressonâncias fundadoras e imaginário de língua. In: ORLANDI, Eni P. (org) *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas: Pontes, 1993.

SOBRINHO, Nelson F. S. Redes de sentidos e raciocínios antagonistas: a Internet na interface do discurso. In: GRINGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele S; SCHONS, Carme R. (org) *Discursos em rede: Práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço*. Recife: Coleção & Letras, 2011.

VALLADARES, Eduardo; BERBEL, Márcia. *Revoluções do século XX*. São Paulo: Scipione, 1994.

ZANDWAIS, Ana. Práticas políticas nacionalistas e funcionamento discursivo: totalitarismo, fascismo e nazismo. In: ROMÃO, Lucília M. S.; ZANDWAIS, Ana (org) *Leituras do Político*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

ZIZEK, Slavoj. O Espectro da ideologia. In: ZIZEK, Slavoj (org) *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.